

Departamento de Ciência Política e Políticas Públicas

**“Sair da Guiné Bissau à boleia do futebol”: a migração de jovens guineenses para
Portugal e a sua inserção no país de acolhimento
(1998-2015)**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Estudos Africanos

Orientadora:

Professora Doutora Ana Lúcia Lopes de Sá, Professora Auxiliar Convidada
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

José Júlio Mocho Ceitil

Junho, 2017

AGRADECIMENTOS

Terminado o trabalho, devo agradecer a quem me ajudou.

A principal ajuda veio da minha orientadora, professora Ana Lúcia Sá, pela assertividade e clareza com que apontou o caminho a seguir, impedindo que me metesse em atalhos perigosos ou sem saída.

Depois, agradeço aos amigos Afonso Melo, João Pais, Jorge Paiva, Luís Faria e Mónica Azevedo, a facilitação de contactos de pessoas a serem entrevistadas.

Agradeço aos entrevistados, sobretudo aos jogadores, Alfa Esteves, Nelson Landim, Omar Cassamá e Pedro Tavares, pela coragem. Bem como aos ex-jogadores Hélder Borja e Ba Soares.

Igualmente, um agradecimento especial aos ex-jogadores e actuais advogados, Dr. Ailton Pereira e Dr. Bebiano Gomes, a que junto o Dr. João Diogo Manteigas, pelos testemunhos que permitiram alargar as perspectivas do conhecimento sobre o tema.

Agradeço a participação do jornalista Luís Aguilar.

Um agradecimento particular com um abraço apertado ao jornalista António Pereira, pelo testemunho e pelo esforço em ajudar-me a chegar ao inacessível...

Agradeço às minhas filhas pelo incentivo!

Agradeço à Sandra, minha mulher, por tudo.

Dedicatória

A todos os jovens futebolistas guineenses que ousaram correr atrás do sonho.

“Sair da Guiné Bissau à boleia do futebol”: a migração de jovens guineenses para Portugal e a sua inserção no país de acolhimento (1998-2015)

Resumo

A significativa migração para Portugal de jovens futebolistas da Guiné Bissau entre 1998 e 2015, com vista a serem profissionais de futebol, é o estudo de caso desta dissertação. A investigação qualitativa é feita através de entrevistas semidirectas-gravadas, análise de discurso, pesquisa bibliográfica, revisão da literatura e observação participante assistemática, e será organizada em torno de duas hipóteses:

- 1^a – A agência individual é a principal razão da migração dos jovens futebolistas.
- 2^a – A existência de um certo paternalismo sobre estes, sobretudo os negros, por parte de agentes e empresários desportivos, dirigentes de clubes, jornalistas e, de um modo geral, pela sociedade portuguesa, leva a um tratamento de menoridade e desconsideração, podendo admitir-se que existe uma visão racista subjacente a esta subalternização.

A teoria da acção de Pierre Bourdieu, enquadra a análise ao modo como as estruturas incorporadas do *habitus* nos agentes se relacionam com as estruturas objectivas do campo social, neste caso o microcosmos futebolístico onde actuam. O campo de análise começa por centrar-se na Guiné Bissau, por ser actualmente o país de origem da grande maioria dos migrantes e continua em Portugal, país de destino de quase todos eles. A questão da migração de futebolistas no tempo colonial está reflectida resumidamente no Estado da Arte e de forma mais desenvolvida no capítulo dedicado a Moçambique.

Para além de identificar as causas da saída da Guiné Bissau destes jovens, pretende-se sinalizar as maiores dificuldades sentidas quando decidiram partir, mapear a inserção no mercado laboral futebolístico português, analisar as dificuldades encontradas na sociedade do país de acolhimento e ao mesmo tempo aferir sobre práticas de racismo em Portugal.

Palavras chave: Agência, migração, futebol, racismo.

“Hitchhiking through soccer to exit Guinea Bissau”: the migration of young Guineans to Portugal and their insertion in the host country (1998-2015)

Abstract

The significant migration to Portugal of young soccer players from Guinea Bissau between 1998 and 2015, with a view to be football professionals, is the case study of this dissertation. Qualitative research is done through semi-direct-recorded interviews, discourse analysis, bibliographic research, literature review and unsystematic participant observation, and will be organized around two hypotheses:

- 1 - The individual agency is the main reason for the migration of young footballers.
- 2 - The existence of a certain paternalism about these, especially the black ones, by agents and sports entrepreneurs, leaders of clubs, journalists and, in general, by the Portuguese society, leads to a treatment of minority and disrespect, being able to admit that there is a racist view underlying this subalternization.

Pierre Bourdieu's theory of action frames the analysis of how the built-in structures of habitus in agents relate to the objective structures of the social field, in this case the football microcosm where they operate. The field of analysis begins by focusing on Guinea Bissau, as it is currently the country of origin of the vast majority of migrants and continues in Portugal, the destination country of almost all of them. The question of the migration of footballers in colonial times is briefly reflected in the State of the Art and more elaborated in the chapter dedicated to Mozambique.

In addition to identify the causes of the departure of Guinea Bissau from these young people, it is intended to signal the greatest difficulties experienced when they decided to leave, map the insertion in the Portuguese football labor market, analyze the difficulties encountered in the society of the host country and at the same time, assessing practices of racism in Portugal.

Key words: Agency, migration, football, racism.

ÍNDICE

LISTA DE SIGLAS	2
INTRODUÇÃO	3
CAPÍTULO I	5
Metodologia	5
Objectivos e Hipóteses	7
Perfil sucinto dos entrevistados e demais agentes citados em artigos publicados na imprensa, em blogues, no youtube	8
O campo desportivo	13
Será o futebol um campo autónomo?	14
Os adeptos	16
Os dirigentes e os clubes	18
Os empresários	20
Os jogadores	22
Os meios de comunicação	23
O racismo	24
CAPÍTULO II	33
Migrar de Moçambique no tempo colonial	33
O Futebol moçambicano	34
O exótico Matateu, ou a força do futebol	36
Vicente, Coluna, Hilário e Eusébio	39
A integração dos jogadores migrantes no tempo colonial	43
CAPÍTULO III	45
Migrar da Guiné, País Independente	45
Guiné-Bissau, país adiado?	48
O porquê das migrações	54
Histórias de vida	58
Amido Baldé	58
Francisco Júnior	60
Alfa, Omar, Nelson e Pedro	64
“Vítimas do sistema”	66
“É mais fácil aqui, vou ter dificuldades mas vou batalhar”	68
A integração no país de acolhimento	71
CONCLUSÃO	75
BIBLIOGRAFIA	79
ANEXOS	83

LISTA DE SIGLAS

AFA – Associação de Futebol Africana

AFLM – Associação de Futebol de Lourenço Marques

CAN – Taça das Nações Africanas

CEMGFA – Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas

FIFA – Federation Internacional Football Association

FPF – Federação Portuguesa de Futebol

SEF – Serviço de Estrangeiros e fronteiras

SJPF – Sindicato de Jogadores Profissionais de Futebol

UEFA – Union European Football Association

INTRODUÇÃO

O futebol é uma modalidade com regras simples, facilmente apreendidas pelos praticantes e espectadores de todos os credos e classes sociais. E talvez seja essa a razão principal da sua universal popularidade. Porém, o gosto exacerbado pelo futebol é uma construção social datada do século XX, tal como foram construções sociais o gosto pelas lutas dos gladiadores romanos, pelos jogos gregos e pelas lutas de galos em Bali, por exemplo.

No caso do futebol, tal como o conhecemos na actualidade, o jogo nasceu e deu os primeiros passos em Inglaterra, daí passou para a Europa e da Europa para o mundo. As notícias do muito dinheiro que os jogadores de primeiro plano auferem e do *glamour* que os rodeia, constitui um apelo enorme tanto para as crianças e jovens de países com níveis de vida e desenvolvimento social mais elevado, como para os que vivem em países mais carenciados, onde o futebol aparece como um veículo que, em sonhos, os levará, a eles e à família, até patamares económica e socialmente superiores, através de um projecto de vida baseado na venda do seu talento futebolístico. Foi o que aconteceu, desde há quase um século, a jogadores africanos que procuraram na Europa, através do futebol, uma vida melhor nos países colonizadores, França, Inglaterra e Bélgica. Os jogadores nascidos nas então colónias portuguesas descobriram esse caminho mais tarde, nos anos 50. Vieram sobretudo de Moçambique.

Através da revisão da literatura procuro determinar as implicações sociais e as dinâmicas destes movimentos migratórios durante o colonialismo, num contexto em que o mundo do futebol era muito mais pequeno, bastante menos impactante na sociedade e sem comparação possível com a capacidade organizativa actual. O enquadramento histórico é importante para considerar estas migrações numa época em que este desporto se tornou uma indústria muito rentável, mas com enormes zonas obscuras.

A análise centra-se na Guiné Bissau porque, segundo dados da Federação Portuguesa de Futebol (FPF) é o país de origem da maioria dos futebolistas que migram para Portugal. Segundo o *site* desta entidade, na época 2015/2016, inscritos nas equipas que disputaram os vários campeonatos em Portugal, havia 166 futebolistas guineenses¹.

¹ <http://www.fpf.pt/pt-pt/Competicoes/Jogadores> - (consultado em 15/10/2017)

O estudo deste caso foi igualmente suscitado por notícias da comunicação social portuguesa em 2014 e 2015, onde eram abordados alguns aspectos do lado mais escuro do processo migratório e da vida difícil da grande maioria destes aspirantes a profissionais de futebol. As notícias e reportagens publicadas no Jornal *Record* de 21 de Fevereiro de 2015 e no semanário *Sol* de 24 de Março de 2015, falavam de dezenas de jovens alojados em casas sem o mínimo de condições, descrevendo a situação de abandono em que foram deixados pelos agentes que os tinham trazido. Eram histórias de isolamento e desespero, apontadas pelos jornalistas como sendo muito comuns no futebol português.

Pierre Bourdieu é a grande influência teórica. A sua teoria da prática e os conceitos de *habitus* e de agência enquadram a análise ao contexto relacional entre os vários agentes que interagem neste campo específico. A teoria dos campos do mesmo autor serve para mapear o espaço, as normas vigentes e os diversos interesses em jogo no campo desportivo.

No capítulo I enuncio a metodologia aplicada no estudo de caso, os objectivos pretendidos e as hipóteses colocadas à partida.

São apresentados os jogadores entrevistados, ex-jogadores, jornalistas e outros agentes do campo futebolístico português citados nos meios de comunicação social por serem importantes neste processo. Apesar de várias tentativas, não consegui entrevistar o empresário Catió Baldé e o Presidente do Sindicato dos Jogadores de Futebol, Joaquim Evangelista.

O capítulo I contém a contextualização teórica onde, para além de responder afirmativamente à questão colocada por Pierre Bourdieu de haver ou não um campo desportivo, coloco a hipótese de o futebol, por si só, ser um campo autónomo.

O tema do racismo na sociedade portuguesa e também no futebol é igualmente analisado.

No capítulo II abordo a migração de futebolistas no tempo colonial, incidindo a análise em Moçambique por serem oriundos desta ex-colónia os jogadores que obtiveram maior relevo no futebol português, nas décadas de 60 e 70 do século XX.

O capítulo III centra-se na Guiné-Bissau, o campo de análise onde decorre grande parte da acção, por ser o país de origem dos jovens futebolistas objecto deste estudo, sendo colocada a hipótese de a agência individual ser a principal razão que os leva a sair da sua terra para serem profissionais de futebol.

CAPÍTULO I

Metodologia

Tendo em conta a natureza e a complexidade do caso em estudo, optei por juntar algumas técnicas de pesquisa qualitativa como estratégia para alcançar um conhecimento mais abrangente da problemática. Richardson afirma que “a abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se sobretudo por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenómeno social”. Acrescenta que “os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais” (Richardson, 1985: 38).

Os princípios orientadores foram a flexibilidade na utilização dos métodos, das técnicas, e a vontade de obter informações onde quer que estivessem. Para que este estudo fosse mais completo, em todas as dimensões do processo migratório, o ideal seria ir a Bissau e falar com os futebolistas e suas famílias, empresários e também, se possível, com as autoridades desportivas do país. Como não foi possível ultrapassar esta dificuldade, o terreno da pesquisa limitou-se a Portugal, mais propriamente à região da grande Lisboa, terreno suficientemente largo para abarcar uma amostra significativa das instituições e agentes relevantes neste processo.

Sabendo que as entrevistas aos agentes são fundamentais porque ajudam a organizar a reflexão sobre os fenómenos por via das diferentes perspectivas (Quivy e Campenhoudt, 2008), após a elaboração de uma lista com pessoas a entrevistar, pedi ajuda a alguns amigos e amigos destes para chegar até às fontes. Em Outubro de 2016, através de *email*, *Messenger*, ou *sms*, estabeleci um primeiro contacto com algumas dessas fontes, explicando a natureza da minha investigação. Alguns deles tinham aparecido na imprensa quando, em 2014/2015 os casos de migração massiva e ilegal de jovens futebolistas guineenses para Portugal foram notícia. Esses primeiros contactos foram frutíferos e todos aceitaram dar o seu contributo para a dissertação. Porém, acertadas as datas para concretizar a conversa prometida, alguns deles, antigos jogadores, treinadores, empresários e dirigentes desportivos, não mais atenderam o telefone, não responderam a mensagens ou aos *emails* enviados.

Na impossibilidade de saber as razões que os levaram a recuar na intenção inicial, presumo que o fizeram por este ser um tema sensível.

No entanto, o mais difícil foi encontrar jovens jogadores dispostos a contar as suas experiências. Percebi que eles são o elo mais fraco da cadeia neste campo de interesses. Apesar das dificuldades inesperadas, consegui um conjunto de entrevistas que, juntamente com testemunhos publicados na imprensa em 2014/2015, bem como reportagens existentes *online*, configuram, creio, informação suficiente para caracterizar as linhas principais deste processo migratório.

As entrevistas semidirectas foram utilizadas de acordo com as indicações sugeridas por Quivy e Campenhoudt, isto é, foram feitas a agentes conhecedores do tema, com o mínimo de perguntas possível, sendo as questões colocadas de uma forma franca e aberta (idem: 11-12). O guião das entrevistas encontra-se em anexo (anexo 1). Todas as entrevistas foram validadas pelos entrevistados, após terem sido enviadas e devolvidas. Todos os entrevistados acederam em serem identificados neste estudo.

A análise de conteúdo dos dados, sendo caracterizada como um “processo de busca e de organização sistemática de transcrições de entrevistas (...) com o objectivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou” (Bogdan e Biklen,1994:205), servirá para concretizar os objectivos da investigação.

A análise dos discursos permitiu uma clarificação do que foi dito, parcialmente ocultado, exagerado ou silenciado. Jan Ifversen ao alertar para as delimitações que condicionam cada discurso num campo social específico, reforça a necessidade de atender a possíveis diferenças no significado de conceitos (Ifversen, 2003:64-65).

Eni Orlandi, entrevistada na rede Globo em 05 de Novembro de 2012, reforça essa ideia, o que coloca ao investigador a questão de saber que tipo de filtros deve ter para ouvir e perceber o que é dito para lá das evidências. Neste caso, para além de sabermos que estamos a abordar um tema coberto de véus e sombras, ficamos a saber por Orlandi que a linguagem também não é transparente. Ou seja, aquilo que é dito por cada pessoa tem um sentido que pode variar de significado em função das situações vividas, mesmo falando sobre a mesma coisa. Já acerca do silêncio diz que é “Às vezes mais importante que as palavras. Significar com palavras é diferente de significar com silêncio. Há o silêncio que é a própria respiração do sentido. A gente pode estar em

silêncio e estar significando. E também, muitas vezes, você fala certas coisas para que outros sentidos não apareçam. Isso é o silenciamento”².

Durante as entrevistas, tive muitas vezes essa sensação, de os meus entrevistados não dizerem tudo o que sabiam, silenciavam por receio, nuns casos, por calculismo ou precaução, noutros. O certo é que percebi ao longo das entrevistas que estava a pisar um campo minado. E também percebi que o maior perigo não recaía sobre mim, mas sim sobre eles, os entrevistados.

Para minimizar as dificuldades inesperadas, foi fundamental a pesquisa bibliográfica e a revisão da literatura, passando pela disponibilidade para ouvir todas as fontes disponíveis, nas entrevistas semidirectas e na observação participante assistemática... ajudada pela intuição. Todos estes factores contribuíram para uma análise do discurso e para um tratamento rigoroso das informações que considerei relevantes.

Objectivos e Hipóteses

Esta investigação procura responder às seguintes perguntas:

- 1) Que motivos subjazem à vontade de sair da GB dos jovens com desejos de serem futebolistas?
- 2) Como se processa a sua integração em Portugal?

Os objectivos da dissertação são:

- 1) Identificar as motivações dos futebolistas para saírem do seu país;
- 2) Explicar o papel dos actores envolvidos no processo desde a origem, na GB, ao destino, em Portugal;
- 3) Explicar o seu processo de integração em Portugal.

A investigação organizada em torno de hipóteses é, segundo Quivy e Campenhoudt, uma garantia de rigor porque permite que os dados recolhidos sejam confrontados com a realidade.

² - <https://www.google.pt/search?q=Eni+Orlandi%20C+entrevistada+na+rede+Globo+em+05+de+Novembro+de+2012&rlz>, (consultado em 5/2/2017).

Sabendo-se que a refutabilidade das hipóteses torna impossível a sua veracidade perene e que o conhecimento resulta de sucessivas correcções, o investigador não se esforçará em provar o valor objectivo das suas hipóteses (Quivy e Campenhoudt, 2008:17). No entanto, sabe-se que o êxito da investigação assenta principalmente na capacidade do investigador em escolher os métodos mais adequados às circunstâncias. Assim, as hipóteses que se formataram para esta investigação são:

1ª – A agência individual é a principal razão da migração dos jovens futebolistas.

2ª – A existência de um certo paternalismo sobre estes, sobretudo os negros, por parte de agentes e empresários desportivos, dirigentes de clubes, jornalistas e, de um modo geral, pela sociedade portuguesa, leva a um tratamento de menoridade e desconsideração, podendo admitir-se que existe uma visão racista subjacente a esta subalternização.

Apresentação sucinta dos entrevistados e demais agentes citados em artigos publicados na imprensa, em blogues, ou no youtube

Ex-futebolistas

Dr. Ailton Pereira, advogado, ex-futebolista (entrevistado no seu escritório em Massamá, no dia 3 de Fevereiro de 2017).

Nasceu na Guiné-Bissau em 27 de Junho de 1978. Chegou a Portugal em 1994, com a mãe. Veio para estudar. O futebol apareceu depois. Prestou provas no Benfica mas não ficou. Jogou dez anos em Portugal, de 2003 a 2013, com especial relevância no G. Desportivo de Chaves, Clube F. Barreirense e Atlético Clube de Portugal. Fez seis jogos pela selecção do seu país. Entretanto licenciou-se em Direito e exerce a profissão na firma AP advogados.

Ba Soares, ex-futebolista (entrevistado no complexo desportivo do clube União Povoense, na Póvoa de Santa Iria, no dia 11 de Janeiro de 2017).

Nasceu em Bissau há 28 anos, chegou a Portugal em 2009. Jogou no Povoense durante 5 anos. Actualmente é o responsável técnico por um grupo de jogadores guineenses, a

maior parte deles sem clube, que treinam no complexo desportivo do clube da Póvoa de Santa Iria.

Dr. Bebiano Gomes, advogado, ex-futebolista (entrevistado no seu escritório na Amadora, no dia 1 de Março de 2017). Nasceu em Bissau a 5 de Dezembro de 1964. Começou a jogar no Ténis Clube de Bissau. Chegou a Portugal com 15 anos, com destino ao Sporting mas acabou por ir parar ao Benfica, onde ficou três anos. Depois andou pelo Farense, Tirsense, Beira-Mar, Académico de Viseu, Penafiel, Paredes e ainda no Alpendorada como treinador adjunto/jogador. Licenciou-se em Direito em 2007. É assessor jurídico do empresário Catió Baldé.

Hélder Borja, ex-futebolista (entrevistado via telefone, no dia 16 de Janeiro de 2017). Nasceu em Bissau, no Chão de Papel, em 13 de Janeiro de 1966. Em 1982, acompanhou os pais quando estes migraram para Portugal. Fixaram residência em Paredes do Douro, onde residem desde então. Iniciou-se no Ténis Club de Bissau. Em Portugal, começou no Paredes e depois jogou no Salgueiros, no Águeda, no Marco, no Vianense, até aos 32 anos. Entretanto arranjou emprego nos correios e ainda jogou nos Distritais como semiprofissional.

Dr. João Diogo Manteigas, advogado (entrevistado no seu escritório em Lisboa, no dia 1 de Março de 2017).

Especialista em direito desportivo, trabalha com vários países africanos e conhece bem a realidade dos jovens que chegam a Portugal para serem profissionais de futebol, muitos deles oriundos da Guiné Bissau. É sócio da Mota, Manteigas & Associados, Sociedade de Advogados, SP, RL

Futebolistas por mim entrevistados

Alfa Esteves (entrevistado no campo de jogos do União Desportiva Vilafranquense, em Vila Franca de Xira, no dia 21 de Dezembro de 2016).

Nasceu na Guiné-Bissau a 30 de Agosto de 1997. Na época 2013/14, jogou no clube guineense *Fidjus di Bideras*. Em Portugal, jogou nos Júniores (sub 19) do Benfica na época de 2014/15, onde fez 12 jogos, e na época de 2015/16, onde fez 34 jogos. A época de 2016/17 (1ª época de sénior) iniciou-a no Benfica, mas foi emprestado ao Vilafranquense, onde joga actualmente, tendo feito 19 jogos.

Nelson Landim, (entrevistado no campo de jogos do UDV, em Vila Franca de Xira, no dia 21 de Dezembro de 2016).

Nasceu na Guiné-Bissau em 30 de Novembro de 1997. Na época de 2015/16, foi inscrito nos Juniores (sub 19) do Vilafranquense, mas não fez nenhum jogo. Na época 2016/17, nos seniores do Vilafranquense, fez 9 jogos.

Omar Cassamá, (entrevistado no campo de jogos do UDV, em Vila Franca de Xira, no dia 21 de Dezembro de 2016).

Nasceu na Guiné-Bissau a 10 de Setembro de 1995, veio para Portugal e jogou no União Povoense na época de 2014/15. Nas seguintes, 2015/16 e 2016/17, jogou no U D Vilafranquense.

Pedro Tavares, (entrevistado no complexo desportivo do União Povoense, no dia 11 de Janeiro de 2017). Nasceu em Mansoa, na Guiné-Bissau no dia 15 de Setembro de 1994. Veio para Portugal, na época de 2011/12, foi prestar provas ao Sporting e ao Benfica, mas não ficou em nenhum. Foi para o Liverpool em Inglaterra, mas também não ficou. Regressou a Portugal e jogou no Vidago (2012/13, no Vila Flor SC (2013/14).

Depois foi para Chipre durante duas épocas. Esteve em dois clubes, Digenis Oroklinis e Achironas Liopetriou, mas não se adaptou. Actualmente está sem clube.

Futebolistas com entrevistas publicadas em outras fontes

Amido Baldé, (entrevista publicada no Youtube, em 2008, logo após a sua chegada a Lisboa, <https://www.youtube.com/watch?v=SbgWNJGe4X4>. <https://www.youtube.com/watch?v=SbgWNJGe4X4>, consultada em 2/3/2015).

Nasceu em Bissau a 16 de maio de 1991. Veio para Portugal em 2008, contratado pelo Sporting C. P. Foi emprestado sucessivamente ao Santa Clara, dos Açores, Badajoz, Cercle Brugge. Foi adquirido pelo Vitória de Guimarães em 2012. Em 2013 é transferido para o Celtic de Glasgow. Depois esteve no Beveren, no Benfica de Luanda, no Marítimo do Funchal e no Tondela.

Representou a Selecção Portuguesa que disputou o Campeonato Mundial Sub-20 de 2011, onde obteve o 2º lugar. A 6 de Setembro de 2011, foi feito Cavaleiro da Ordem do Infante D. Henrique.

Em 2015, decidiu representar a selecção do seu país de nascimento, a Guiné-Bissau.

Francisco Júnior (entrevistado em 2015 pela plataforma de investigação jornalística, “Divergente”, <http://futebol.divergente.pt/en/afugapossivel/>, consultada em 3/2/2017) Nasceu em Bissau a 18 de Janeiro de 1992. Cresceu no Bairro Militar, nos arredores da capital guineense. Passava o dia no estádio Lino Correia, a jogar à bola. O futebol foi o veículo para mudar de vida. Jogava no Benfica de Bissau quando, em 2007, veio para o Benfica de Lisboa. Tinha 15 anos. Em 2013 foi para Inglaterra, para o Everton. Depois, foi emprestado ao Vitesse e regressou ao Everton para ser emprestado sucessivamente ao Stromsgodset, da Noruega, e nas épocas seguintes ao Port Vale, da terceira liga inglesa, ao Wigan, da segunda liga, para regressar em 2015/2016 ao clube norueguês, onde está actualmente.

Fez 5 jogos pela selecção de Portugal nas camadas jovens e actualmente, como sénior, já representou 9 vezes a selecção da Guiné-Bissau ³.

Jornalistas

António Pereira (entrevistado em sua casa, em Lisboa, no dia 1 de Fevereiro de 2017). Nasceu a 10 de Outubro de 1960, em Bissau. Estudou em Portugal e regressou à Guiné em 1974. Em 1980, foi para Cuba onde, durante sete anos, ensinou português e estudou história na Universidade do Oriente em Santiago. Como jornalista trabalhou nas revistas “África Notícias” e “África Hoje”. Em Portugal, esteve 15 anos no jornal “A Bola”. Em 2009 foi distinguido com o prémio da Associação dos Jornalistas de Desporto (CNID).

Luís Aguilar, jornalista e escritor, (entrevistado via telefone, no dia 8 de Dezembro de 2016).

Publicou as obras *Jogo Sujo* (uma biografia do ex-futebolista Fernando Mendes), o romance *Sexo, Morte e Futebol*, «*El Português*» e «*El Português — parte II*» (a biografia de Paulo Futre), *Correio de Droga*, *Jogada Ilegal* (sobre os grandes casos de corrupção na FIFA e no futebol internacional, e *Jogo de Vida ou Morte* (2014), uma obra sobre os maiores heróis e vilões dos Mundiais de futebol, e *Mourinho Rockstar: As duas faces do treinador mais polémico do mundo*, também publicado em 2014.

³ – Os dados de todos os futebolistas foram obtidos no site zerozero.pt, consultado em 2/2/2017

Tem colaborado com diversos órgãos de comunicação, entre os quais se destacam *A Bola, Record, Correio da Manhã, Sábado, Playboy, SIC, CMTV e TVI*.

As entrevistas que faltam...

Catió Baldé, empresário de futebolistas, citado recorrentemente em entrevistas, notícias, blogues. É o empresário/agente mais importante na Guiné-Bissau e responsável pela vinda de grande parte dos futebolistas guineenses que jogam em Portugal e na Europa. A sua importância é destacada pelo jornalista guineense Aly Silva, no seu blogue “Ditadura do Consenso”, no dia 9/2/2015:

“Catió Baldé é a presença digital de todos os jogadores profissionais representados pela CB Nafricalentssport, uma empresa de gestão de carreira de jogadores profissionais de futebol, cujo fundador e principal impulsionador é o Players Agent de nacionalidade guineense, o empresário Catió Baldé”⁴.

Entrou em polémica com o Presidente do Sindicato de Jogadores Profissionais de Futebol, Joaquim Evangelista, a propósito do modo como actua enquanto agente nas transferências dos jovens jogadores.

Certamente como reflexo da sua influência no futebol do seu país, no dia 1 de Novembro de 2016, foi nomeado director executivo da Federação de Futebol da Guiné-Bissau. Por ser uma figura de grande neste processo, procurei entrevistá-lo. No entanto, apesar de várias tentativas de contacto, por via directa ou indirecta, não foi possível ⁵.

Dr. Joaquim Evangelista, dirigente sindical, citado em artigos publicados na imprensa no âmbito dos casos que motivaram esta dissertação. É Presidente do SJPF – Sindicato de Jogadores Profissionais de Futebol, desde 2005. Licenciado em Direito pela Universidade Lusíada, em 1991.

⁴ - Ver: <http://www.record.pt/sabermais/catio-balde>, <http://ditaduraeconsenso.blogspot.pt/2016/07/jomav-o-desavergonhado-e-divida-para.html>, <http://www.record.pt/futebol/futebol-nacional/detalhe/joaquim-evangelista-o-seu-trabalho-nao-pode-ser-so-transferencias-934699.html> (consultados em 20/6/2017)

⁵ <http://www.record.pt/futebol/futebol-nacional/detalhe/joaquim-evangelista-o-seu-trabalho-nao-pode-ser-so-transferencias-934699.html> (consultados em 20/6/2017)

Foi um dos agentes mais activos na denúncia das situações opacas deste processo, ocorridas em 2014 e 2015, envolvendo os jovens futebolistas guineenses.⁶

Apesar de prometida, a entrevista não se concretizou.

O campo desportivo

Bourdieu serviu-se da teoria dos campos para investigar a possibilidade da existência de um campo desportivo. No livro *Questões de Sociologia*, começa por querer saber quando é que os diversos agentes e instituições envolvidos no fenómeno desportivo moderno constituíram um “campo de concorrência”, disputando a hegemonia e o poder. Confessando não ser especialista em desporto e pesquisando a história, centrou-se apenas na análise das modalidades do rugby e do futebol, concluindo que a passagem dos ancestrais jogos, mais ou menos desorganizados, para desportos relativamente organizados e sujeitos a regras foi obra realizada em finais do século XIX. Quis também investigar as razões que determinaram a passagem deste desporto de elite, amador para um desporto altamente profissionalizado e destinado ao consumo de massas.

E concluiu que, a partir da crescente difusão e popularidade das modalidades colectivas, rugby e futebol e da sua apropriação pelas classes mais desfavorecidas, acompanhada pela passagem gradual dos clubes pertencentes a escolas de elite para associações populares, a carreira desportiva passou a ser uma via de ascensão social para as crianças oriundas destas classes. O *fair play* e o amadorismo não garantiam o sustento, passando estes valores a ser um privilégio das crianças das classes dominantes que praticavam ténis, equitação, vela ou golf (Bourdieu, 1984: 184-196).

Procurando saber da existência neste espaço social de lutas pela hegemonia entre os produtores e os agentes ligados à prática e ao consumo desportivos, nomeadamente fabricantes e vendedores dos diversos materiais necessários aos praticantes das modalidades, o autor constatou a existência de um conjunto de profissionais que produzem bens e serviços complementares da actividade desportiva e jogam os seus interesses específicos num campo em rápido crescimento e muito concorrencial.

⁶ - <https://sol.sapo.pt/artigo/127762/o-drama-dos-jogadores-abandonados> (consultado em 20/6/2017)

A constituição deste campo autónomo teve como consequência, segundo Bourdieu, a rotura entre profissionais e amadores, por via do desenvolvimento do desporto-espectáculo totalmente separado da organização e da prática do desporto amador (Bourdieu, 2004).

Não parece difícil acompanhar Bourdieu no reconhecimento da existência de um campo desportivo, dado serem evidentes as três leis gerais preconizadas na sua teoria: um objecto de luta em comum; pessoas dispostas a jogarem, ou seja, agentes que conhecem as regras do jogo; e, por fim, apesar da defesa dos interesses particulares em jogo, os agentes mantêm a unidade quanto ao fundamental, isto é, contra qualquer ataque que ponha em causa a existência do campo.

Será o futebol um campo autónomo?

O futebol é actualmente uma indústria global, geradora de paixões exacerbadas nos adeptos, consumidores finais do produto principal, o espectáculo, o jogo de futebol, exibido ao vivo nos estádios ou difundido pelas televisões.

Os meios de comunicação, as campanhas de marketing dos clubes e o patrocínio das grandes marcas multinacionais ajudam a vender o produto e tudo o que gira à sua volta. As verbas provenientes das receitas de bilheteira, dos direitos de transmissão televisiva, da publicidade estática nos estádios e dos direitos de imagem dos melhores jogadores têm contribuído para o desenvolvimento deste fenómeno, sobretudo a nível do volume de negócios gerados que atingem quantias por vezes consideradas obscenas. A sua organização a nível mundial é dirigida pela FIFA e em cada continente existem federações autónomas a ela subordinadas quanto aos regulamentos, mas com autonomia na organização das competições internas. Saber se o futebol em si constitui um campo, novo, autónomo do campo desportivo estudado por Bourdieu, é a questão que aqui se coloca.

O futebol tem as três leis universais da teoria dos campos, ou seja, a existência de um objecto motivador da luta em comum; agentes dispostos a lutar e que conhecem as regras do jogo; e, por fim, apesar da defesa dos interesses particulares, os agentes mantêm a unidade contra qualquer ataque que ponha em causa a existência do campo.

Mas além disso, o campo futebolístico possui características próprias que fazem dele um campo autónomo e distinto das outras modalidades desportivas.

O relacionamento entre os vários agentes obedece às normas preconizadas na teoria dos campos, isto é, todos eles disputam a hegemonia e o poder num espaço altamente concorrencial e lutam por se manter ou então escalar até ao topo da hierarquia na sua área de actuação.

O futebol distingue-se dos outros desportos de alta competição por algumas peculiaridades, sendo a primeira o facto de os seus agentes não gostarem nada de ser escrutinados. São inúmeras as ocasiões em que o jornalista ousa questionar os dirigentes, treinadores ou empresários situados no topo da hierarquia com perguntas incómodas e, ou são ignorados, porque não houve resposta, ou então são interpelados agressivamente e, no mínimo considerado *persona non grata*.

Outra peculiaridade é a ausência de uma clara e transparente hierarquia do poder, isto é, não se sabe muito bem quem detém a autoridade, de facto. O que faz pairar sobre o futebol uma nuvem de suspeitas que vão desde a corrupção, fuga aos impostos, negócios escuros e traficâncias várias, até à manipulação dos adeptos. Mas até parece que estes gostam de ser manipulados.

Outra questão interessante é a recusa, até agora, por parte dos dirigentes, de introduzir no futebol meios tecnológicos para ajudar a esclarecer os lances duvidosos, a exemplo do que já acontece nas outras modalidades de alta competição (ténis, rugby, basquetebol, voleibol, futebol americano, etc.).

Resistem argumentando que o recurso ao vídeo/árbitro acarreta perdas de tempo ou contraria a natureza do jogo. Ora, estes são argumentos de quem não quer perder uma parcela substancial de influência, por exemplo, na escolha e nomeação dos árbitros. Mas já perceberam também que, mais tarde ou mais cedo, vão ter de abdicar dessa parcela de poder, se for entendido que a sobrevivência do campo depende disso.

Por não querer nem poder generalizar a abordagem ao que se passa no futebol mundial, cinjo-me à análise do futebol português, usando o conhecimento empírico adquirido durante 17 anos como futebolista do União Desportiva Vilafranquense, clube da minha terra, na observação etnográfica atenta ao fenómeno desportivo (mais por curiosidade intelectual do que consciência do que era etnografia...), a que junto algum saber entretanto adquirido ao longo da vida. Apesar de os agentes e instituições em luta neste campo se dividirem em várias categorias (dirigentes, clubes, empresários, patrocinadores, imprensa, sobretudo as televisões, jogadores e técnicos/ treinadores), defendendo interesses específicos e quase sempre concorrenciais, todos eles têm a

noção do terreno que pisam e a consciência que as rivalidades não podem ultrapassar certos limites.

Resta acrescentar uma ambiguidade: os adeptos são os financiadores de todos os negócios à volta do futebol, os que pagam bilhete para assistir aos jogos, os que compram assinatura para os ver em canais televisivos, os que compram revistas e jornais desportivos, os que compram o *merchandizing* dos clubes, ou seja, são quem alimenta toda esta pujante economia, mas a quem não é concedido o estatuto de agente. São meros pagantes, a não ser que se organizem em claques. Aí sim, podem ter um ou vários papéis a desempenhar, seja como apoio incondicional à sua equipa, ou guerreando e hostilizando até à morte os adversários, como acontece com as claques dos chamados três grandes (Benfica, Sporting e Porto). Sem que se perceba bem porquê, os elementos das claques gozam de favores, apoios e protecção dos seus clubes, a que se junta a passividade das autoridades policiais e governamentais, o que lhes proporciona uma liberdade de acção próxima da impunidade total que, por exemplo, os leva a cometer crimes, roubos e agressões. Inclusive, descrevem em livro estas ilegalidades, das quais se vangloriam, como aconteceu com o livro intitulado *Líder*, escrito por Filipe Bastos sobre o portista Fernando Madureira, de alcunha “Macaco”, líder dos “Super Dragões”, claque legalizada do F. C. Porto⁷.

Em nome do ismo clubístico, os adeptos ignoram ou põem de lado a informação que não encaixa na sua crença e usam uma heurística feita à medida das suas cores. É o caso das claques, sem distinção entre elas: condicionam o espaço público, usam todos os meios para impor o benfiquismo, o sportinguismo e o portismo como “valores” únicos a defender e, para além de constituírem uma ameaça aos outros adeptos e espectadores que se atrevem a estar perto deles, podem, se não forem tomadas medidas eficazes para os controlar, por em causa o espectáculo desportivo.

Os adeptos

Uma parte significativa dos adeptos em Portugal não se interessa muito por futebol. São mais adeptos de um clube do que do futebol, em si.

⁷ –<https://araujo.wordpress.com/2010/11/16/uma-perola-da-literatura-de-fernando-madureira/>, (consultado em 13/04/2017)

Consumem jornais desportivos, assistem aos debates e fóruns televisivos que enxameiam os vários canais para ouvir o representante do seu clube dizer as “verdades” que querem ouvir e indignar-se com as “mentiras” propaladas pelos representantes dos clubes “inimigos”.

Recuando na história do futebol em Portugal, a hegemonia tem pertencido aos “três grandes”. Apenas nos anos 20, 30 e 40 do século passado, o Belenenses intrometeu-se nesta luta mas não teve fôlego para se aguentar na contenda. Desde então até hoje, a rivalidade tem aumentado de volume acompanhando a crescente mediatização do desporto, em particular do futebol, nos órgãos de comunicação social. Uma explicação para a radicalização e tensão permanentes entre os clubes grandes pode ter a ver com a obrigatoriedade de ganhar. E quando não ganham, os seus dirigentes verem-se obrigados a encontrar desculpas para as derrotas.

É usual que se apontem aos árbitros responsabilidades pelas derrotas. Mesmo que, no final do campeonato, feitas as contas, fique objectiva e estatisticamente provado que estes clubes “grandes” são beneficiados equitativamente pelas arbitragens, em prejuízo dos clubes “pequenos”, os seus dirigentes insistem em propalar a sua versão. Quando esse argumento cai, arranjam outra. E então recorrem aos fantasmas! Um dos fantasmas chama-se “sistema”, que seria assim uma entidade mítica, etérea, que actuaria na sombra, em benefício de um clube.

Este “sistema” seria gerido e dominado por dirigentes corruptos. Corruptos no sentido de consertar as coisas, isto é, os resultados a seu favor. Mas esta indignação contra o “sistema”, em vez de ser uma atitude legítima e até certo ponto compreensível porque baseada na defesa de princípios morais e justos, esconde apenas uma lógica corporativa. Ou seja, se o seu clube controla o “sistema” e vai ganhando os jogos, ficam calados e acham essa a ordem natural das coisas. Se o “sistema” cai nas mãos do inimigo e começam a perder, então levantam a voz indignada, os protestos veementes e as iradas acusações contra os outros, os corruptos protagonistas da injustiça vigente no futebol...

Explicado o “sistema” que beneficia o “inimigo”, volto aos adeptos portugueses, apenas para dizer que sendo, na sua esmagadora maioria, amantes de um jogo magnífico, que é sustentado com o seu entusiasmo e dinheiro, deveriam ser mais exigentes consigo próprios e não se deixarem manipular por dirigentes, ainda que sejam do seu clube. Mas causa estranheza os adeptos conformarem-se apenas com o papel de consumidores passivos a que são remetidos, quando teriam todo o direito a serem

agentes activos neste campo. Como frequentadores de um espectáculo que amam, não deveriam permitir que a sua representação fosse capturada pelas claques. Aliás, bastava exigir que as autoridades políticas que dirigem o desporto, as autoridades policiais que controlam a ordem pública e as autoridades desportivas que juntamente com os clubes deveriam garantir a segurança nos espectáculos desportivos, seguissem o modelo que desde há uns anos vem sendo aplicado nos países com campeonatos mais competitivos na Europa, onde as claques e os “*hooligans*” foram perdendo terreno e os mais radicais foram mesmo banidos dos estádios, dando lugar a associações de adeptos, agentes de pleno direito, ouvidos quanto aos aspectos organizativos do espectáculo e no apoio à sua equipa no estádio, para onde se dirigem livremente, em família e em clima de festa e não, como acontece em Portugal, enquadrados e escoltados pela polícia de choque em “caixas de segurança”, tratados como marginais altamente perigosos.

Os dirigentes e os clubes

O facto de surgirem agrupados neste subtítulo significa que a organização do futebol em Portugal confunde-se com o dirigismo clubístico.

Isto é, os dirigentes das associações distritais, da Federação Portuguesa de Futebol e da Liga de Clubes (entidades que organizam e tutelam as competições) são indicados ou, de algum modo controlados, pelos clubes. A classificação dos clubes em “grandes” e “pequenos” determina, desde logo, a existência de esferas de influência à volta dos grandes. Os clubes pequenos reconhecem e aceitam a hierarquia e, através de alianças circunstanciais com algum deles, obtêm lugares e votos na tomada de decisões nos organismos disciplinares ou desportivos, vantagens no empréstimo de jogadores ou em outras benesses, nunca explícitas, que os aproximem do poder. Apesar das divergências e da forte concorrência na luta pela hegemonia, os clubes e os dirigentes mais influentes mantêm a unidade quanto ao fundamental, isto é, coesão contra qualquer ataque que ponha em causa a existência do campo. Os dirigentes, ou melhor, os presidentes dos grandes clubes em Portugal, detêm um poder, desportivo, social e político que faz deles homens (por enquanto, as mulheres não têm peso nesta matéria...) poderosos a nível regional e nacional.

No essencial, estes dirigentes estão de acordo quanto à preservação da integridade do campo.

Os clubes pequenos reconhecem e aceitam a hierarquia e, através de alianças circunstanciais com algum deles, obtêm lugares e votos na tomada de decisões nos organismos disciplinares ou desportivos, vantagens no empréstimo de jogadores ou em outras benesses, nunca explícitas, que os aproximem do poder. Apesar das divergências e da forte concorrência na luta pela hegemonia, os clubes e os dirigentes mais influentes mantêm a unidade quanto ao fundamental, isto é, coesão contra qualquer ataque que ponha em causa a existência do campo. Os dirigentes, ou melhor, os presidentes dos grandes clubes em Portugal, detêm um poder, desportivo, social e político que faz deles homens (por enquanto, as mulheres não têm peso nesta matéria...) poderosos a nível regional e nacional. que dão a impressão de serem antagónicas e até determinantes para se saber de que lado está a razão e a moral, mas os principais dirigentes têm incorporado um *habitus* que preserva as conivências e os silêncios sobre os negócios do futebol na esfera do sagrado. Esse *habitus* ganha corpo e solidez com a vivência e a experiência acumulada no terreno. Aliás, essa conivência ficou claramente reflectida no aviso de Guilherme Aguiar (actual comentador televisivo da área do futebol e antigo dirigente do F.C. Porto e da Liga de Clubes), em declarações ao jornal *A Bola*, em 19/07/2008, “Não gostava de ver ninguém atirar pedras, porque no futebol deve haver pouca gente que o possa fazer, porque há muitos telhados de vidro.” Vinha isto a propósito do julgamento do processo “Apito Dourado”⁸.

Este aviso de Guilherme Aguiar revela o modo de funcionamento do futebol português. Tudo muito feito na sombra e uma ideia de impunidade total, ou quase, dos poderosos dirigentes que se permitem exageros de língua quando sujeitos a escrutínio dos seus actos.

Outro exemplo emblemático do dirigismo no futebol português é Valentim Loureiro. Na sequência do mesmo processo Apito Dourado, em 18/07/2008, o tribunal de Gondomar condenou o então presidente da Assembleia Geral da Liga de Clubes a três anos e dois meses de prisão, com pena suspensa. Na sequência dessa condenação, Luís Filipe Vieira, presidente do Benfica, pediu a demissão do major Valentim do cargo que ocupava na Liga.

⁸ - O caso Apito Dourado é um escândalo de corrupção no meio do futebol português que emergiu em 2004, implicando, entre outros, Pinto da Costa, presidente do F. C. Porto. Foram efectuadas escutas telefónicas comprometedoras, que viriam a ser disponibilizadas no YouTube, as quais vieram a ser usadas pela Justiça desportiva para visar o Porto e o Boavista.

Em entrevista à SIC, comentando essa “ousadia”, o visado enviou o seguinte recado ao líder do Benfica, “Aconselho-o a estar calado, até porque se estou na Assembleia Geral é porque ele propôs e me apoiou», deixando ainda o aviso ao presidente do clube da Luz: «Ele que não se meta comigo”⁹.

Como se vê, só nestes casos de ousadia ou precipitação circunstancial, fruto da sensação de impunidade ou descuido dos agentes/dirigentes, as divergências pontuais entre protagonistas que lutam por posições de poder ajudam a levantar os véus que tapam os acordos, os pactos não escritos entre as cúpulas do futebol português.

O que há de diferente nas zangas das comadres e na destes compadres é que no caso deles nunca se sabem as verdades. O pacto de silêncio mantém os segredos em bom recato. E de tal forma escondidos que nem os senhores magistrados conseguem descortinar motivos para julgar corruptos, os que via telefone (chamadas entretanto tornadas públicas) traficam influências. Dirão os magistrados em sua defesa que fazem o que podem com as leis que têm.

Os empresários

“O empresário de futebol é uma estrela. Não sei bem quando isso começou, mas basta olhar para os jornais, televisões e até para as revistas sociais para perceber que ao firmamento estelar-futebolístico de jogadores e treinadores se juntaram os empresários.” Assim começa um artigo/entrevista publicada no *site* Dinheiro Vivo, da autoria de Pedro Marques Lopes em 2013, ao empresário Carlos Gonçalves.

Sabia-se que os empresários de futebol intermediavam negócios de compra e venda de jogadores mas para além disso, não se sabia muito mais.

O jornalista caracteriza o seu entrevistado, Carlos Gonçalves, como um empresário discreto, apesar de representar mais de 80 jogadores no campeonato português, espanhol, alemão, turco, grego, italiano, e o treinador André Villas-Boas. Falando da sua actividade, Carlos Gonçalves afirma que a seriedade nas relações com os clubes e os jogadores (ou com os seus pais no caso dos menores) produzem um capital de confiança absolutamente necessário para ter êxito. Revela que os empresários trabalham em rede

⁹ - <http://relvado.aeiou.pt/1-liga/valentim-loureiro-aconselha-luis-filipe-vieira-estar-calado?page=1>, em 18/08/2008 (consultado em 13/04/2017)

e, como o meio empresarial é pequeno, conhecem-se todos, sabem quais os jogadores com interesse potencial, bem como as diferentes formas de lidar com os clubes.

Quando o jornalista abordou a questão da má imagem que os empresários têm na opinião pública, acusados de serem “...traficantes de carne humana, sempre à procura de mais e mais dinheiro, que não querem saber dos rapazes”, o empresário demarca-se dessas práticas mas adianta, “*que há mesmo uns que alinham numas milongas com dirigentes dos clubes, de modo que, no fim do dia, os clubes estão falidos, os jogadores tesos e os empresários e os dirigentes muito bem de vida*”¹⁰.

Entre os empresários, intermediários ou agentes/FIFA, há competição na disputa de mais e melhores negócios, na conquista de posições privilegiadas junto dos principais clubes. Há hierarquias implícitas, isto é, toda a gente sabe quem manda, quem tem o maior capital simbólico ou material, traduzido em poder efectivo. Ao que parece, no topo da hierarquia dos que actuam em Portugal está Jorge Mendes. Entre o discreto Carlos Gonçalves e o exuberante Jorge Mendes existem muitas dezenas de agentes que mantêm o silêncio sobre as questões mais polémicas e incómodas, nomeadamente as relacionadas com a vinda massiva dos jovens futebolistas para Portugal e o modo como são tratados por alguns empresários.

Quem fala dos aspectos negativos ligados a esta migração é o professor Carlos Neto, professor catedrático e investigador da Faculdade de Motricidade Humana, em Lisboa, numa entrevista à Tribuna/Expresso. Mostrando reserva quanto a denunciar casos concretos refere, “*a situação absolutamente chocante de africanos que vêm para a Europa para fazer desporto de alto nível e que ficam abandonados nas ruas, esquecidos, porque não tiveram êxito. É uma verdadeira vergonha europeia*”¹¹.

Na entrevista que me concedeu, João Diogo Manteigas esclarece-nos acerca do enquadramento jurídico desta actividade: “*A FIFA tem um regulamento aplicável aos empresários – actualmente, intermediários*”.

¹⁰ – Pedro Marques Lopes, <https://www.dinheirovivo.pt/fazedores/carlos-goncalves-o-empresario-de-futebol-que-nao-tem-ar-de-cromo-da-bola/>, (consultado em 13/4/2017)

¹¹ <http://tribunaexpresso.pt/entrevistas-tribuna/2017-03-01-Uma-entrevista-para-pais-dirigentes-e-treinadores.-Os-atletas-brincaram-muito-na-rua-e-foram-felizes-nao-se-fabricaram-em-laboratorio>, acedido em 12/04/2017

Mas existe a possibilidade de cada país ter um regulamento próprio que se sobrepõe a esse regulamento. Os empresários apenas têm que estar credenciados pela federação do seu país. Porém, em 2015 a FIFA reconheceu a sua incapacidade para controlar o problema (apenas controlava 25% das transferências) e optou por desresponsabilizar-se, desregulamentando a função.

E como é que o fez? Passou a chamar a estes agentes “intermediários desportivos” e a partir de então, *“Havendo incongruências entre legislações, qualquer pessoa pode actuar como intermediário de negócios e transferências internacionais entre clubes e jogadores”*. Basta pagar a licença. Ao contrário do que acontecia antigamente, em que a FIFA obrigava a dois testes anuais para a credenciação dos empresários desportivos. Na prática, *“esta actividade deixou de ser fiscalizada e escrutinada”*, esclarece o advogado.

Uma leitura possível desta situação é de que à FIFA e às federações nacionais interessa apenas receber o dinheiro do licenciamento destes intermediários/agentes FIFA, sem querer saber da sua capacidade, idoneidade e demais qualidades exigíveis a quem lida com “compra e venda” de jogadores, muitos deles menores de idade e em situação de grande fragilidade.

Os jogadores

Os jogadores são os heróis do futebol, cuja história regista o virtuosismo com que marcaram o tempo em que deliciaram os olhos de quem os viu, alegrando com vitórias os corações dos adeptos.

Pierre Bourdieu defende que a consciência da posição que cada um ocupa no campo específico onde actua está mais próxima de um inconsciente de classe do que de uma “consciência de classe”, explicando que a percepção que os agentes têm leva-os a “tomarem o mundo tal como ele é, a aceitarem-no como natural” (Bourdieu, 1989: 140-141). Existe uma hierarquia de poder entre os jogadores, desde logo estabelecida pelo seu valor de mercado com a correspondente diferenciação de ordenados. Existe também o prestígio obtido pelo que fazem ou dizem no seio da equipa, no chamado “balneário”. Aos mais carismáticos é atribuído o lugar de capitão, com tudo o que isso significa de capital simbólico. Mas, de uma maneira geral, os jogadores preferem exhibir outros símbolos de poder: carros de alta cilindrada, casas, roupas caríssimas e em alguns casos, gostam de expor as suas vidas nas revistas e nas redes sociais.

Apesar de apenas uma percentagem reduzida deles alcançarem o estatuto de “rico”, a maioria dos jogadores de futebol, em todos os campeonatos, ganham ordenados pouco superiores ao ordenado mínimo, segundo o SJPF ¹², as notícias tendem a ser cor-de-rosa e obviamente influenciam os jovens à procura de uma vida melhor. É esse o caso dos jovens guineenses aspirantes a profissionais de futebol. Saem da Guiné, convidados ou aliciados por clubes e ou empresários, apoiados e incentivados pela família, empurrados pelas condições políticas e sociais do país, pela falta de empregos e perspectivas de vida, atraídos pelas notícias propaladas pelas televisões que mostram apenas a parte feliz da vida dos futebolistas na Europa e, claro, atraídos pelo sonho de serem um desses felizardos. Mas a realidade, infelizmente, destrói as ilusões da maioria deles.

Os meios de comunicação

A mediatização acelerada do desporto no mundo tem contribuído para a sua expansão. Na verdade, a comunicação social, em particular a imprensa desportiva, é responsável pela popularização do futebol mas também é responsável pelo clima de guerrilha permanente entre os adeptos dos clubes. Em Portugal, a proliferação de programas onde os representantes ou dirigentes de Benfica, Sporting e Porto, monitorizados pelos respectivos gabinetes de comunicação, debatem os pormenores, as minudências de cada jogo, escarpelizando detalhes até à náusea, sempre segundo a sua óptica colorido-parcial-clubística, mais não tem feito que provocar guerras e ódios perfeitamente gratuitos mas perigosos ¹³.

¹² http://sjpf.pt/index.php?pt=gabinetejuridico&op=OP_SHOW_DETAIL&id=8071

¹³ Na madrugada do dia 22 de Abril de 2017, numa rixa entre membros das claques do Benfica e do Sporting, nas imediações do estádio da Luz, morreu um adepto do Sporting – que por acaso era italiano e membro de uma claque da Fiorentina! O facto de um italiano vir a Portugal para participar em lutas organizadas entre claques é apenas mais um exemplo da complexidade deste campo e do rendilhado de interesses que o permeiam.

O futebol, para além de ser a modalidade desportiva mais popular do mundo, tem peculiaridades intrínsecas aos vários agentes que dele vivem: tem um motivo que os leva à luta, tem pessoas conhecedoras das regras do jogo dispostas a defender os seus interesses, isto é, por manter ou disputar o poder e, por fim, todos eles, apesar de terem interesses particulares e aparentemente opostos, mantém a unidade contra qualquer ataque que ponha em causa a existência do campo futebolístico. Isto é, possui as invariáveis preconizadas na teoria dos campos. No entanto, como procurei demonstrar, o futebol e os seus agentes têm características muito próprias e suficientes para ser considerado um campo autónomo, distinto do genérico campo desportivo preconizado por Pierre Bourdieu.

O racismo

O racismo, enquanto construção social dos grupos dominantes, tem usado as diferenças físicas e culturais para discriminar os dominados, classificando-os de modo tão pejorativo que justifica e pretende legitimar a forma desigual como estes são tratados.

Segundo Wieviorka (1998), durante os séculos XVII e XVIII, as representações proto racistas da alteridade, isto é, os traços fenotípicos dos africanos ou dos índios americanos, eram percebidas na Europa como sinais da sua inferioridade social. Na sequência desta asserção, o negro africano seria um selvagem que no entanto, podia ser “civilizado” e moldado pela colonização. Os colonos europeus tinham, portanto, a tarefa de retirar os negros dessa “condição sub-humana” em que viviam. E foi com este “espírito de missão” que os subjugaram e exploraram nas colónias ou nos locais para onde os levavam para trabalho escravo.

No final do século XVIII, surge com o racismo científico a ideia de um essencialismo que diferenciava os grupos humanos pelas suas características físicas. Durante o século XIX, institucionalizaram-se convenientemente as classificações raciais de modo a corresponderem às necessidades do colonialismo e imperialismo das nações europeias. Para isso, houve uma convergência entre a *intelligentzia* da época, viajantes, escritores, poetas, filósofos, anatomistas, fisiologistas, historiadores, filólogos e teólogos, na demonstração científica da superioridade da “raça” branca sobre todas as outras “raças” (Vala et al. 1999).

No caso do colonialismo português, Rui Pereira aponta Adriano Moreira como o congregador de uma ala reformista do Estado Novo que, no final da década de 50 do século XX, perante os ventos adversos ao colonialismo pós-2ª Guerra Mundial, tentou encontrar uma solução para resolver o problema crescente da “insubordinação” dos colonizados. Para o ajudar nesse desígnio contou com a colaboração de académicos, entre eles o antropólogo Jorge Dias, que foi nomeado director da “Missão de Estudos das Minorias Étnicas do Ultramar Português”. O objectivo era garantir a manutenção das colónias a todo o custo, sendo que o “*indirect rule*” dos britânicos, ou o apartheid da África do Sul como modelos de gestão colonial não serviam “ao modo de estar português”. A “assimilação” sim, era a receita portuguesa cozinhada pelo lusotropicalismo. Só que configurava uma forma de racismo assente numa epistemologia ocidental (Mignolo,2011) e em preconceitos étnicos que discriminavam e excluía os negros, obrigando-os a renunciar à sua cultura (Pereira, 2006).

A partir da 2ª Guerra Mundial surgiram outros tipos de racismo. Mais subtis e disfarçados, porque socialmente ser racista já não era aceitável, nem politicamente correcto. Lígia Amâncio, num artigo do jornal *Público* no dia 27 de Janeiro de 2017, diz-nos que o termo “politicamente correcto” surgiu nos EUA, na sequência dos movimentos de luta por direitos e oportunidades que marcaram as décadas de 1950 a 1970, passou a integrar o *habitus* social das pessoas que se preocupavam com estas coisas e que passaram a medir as palavras ditas. Porém, como diz a autora, os preconceitos incorporados nos *habitus* culturais persistem em resistir e embora reprimidos, sempre que podem, “libertam-se”, como acontece no caso do racismo (Amâncio, 2017).

Uma das formas de “libertação” reside no racismo institucional. Apesar do racismo ter sido condenado politicamente, e apesar da lei que o proíbe, o racismo institucional remete os negros para uma situação de inferioridade através de mecanismos não percebidos socialmente (Wieviorka,1998). O racismo é reproduzido por pessoas ou instituições que, imbuídas de preconceitos, costumam envolver-se em práticas discriminatórias que tendem a perpetuá-lo. Não precisa ser apoiado em doutrinas ou ideologias mais ou menos científicas, nem ser um acto consciente das pessoas que praticam esta espécie de “racismo de elite” (Van Dijk, 1993). É um mecanismo mental que está dentro da sociedade enquanto elemento estrutural e rotineiro que assegura a inferiorização dos negros sem que ninguém sinta necessidade de a teorizar ou justificar cientificamente. É um racismo que assegura a

reprodução quase automática da discriminação nos alugueres de casas, na escola, no mercado de trabalho, incluindo o futebol. Quando entrevistei o jornalista António Pereira e perguntei se pensava que existia racismo no futebol em Portugal, respondeu: *Vamos a ver. É engraçado catalogar isso. A memória do Eusébio, Coluna, Hilário, etc., está sempre presente. Por um lado há essa imagem que reconhece o talento desses jogadores. Mas paralelamente existe a tendência de subvalorizar, subestimar o jogador africano, em comparação com os argentinos, brasileiros...*

E, na sua opinião, isso acontece porquê?

Acho que é uma questão sociológica. Aqui em Portugal isso tem a ver com os resquícios do passado... por exemplo, quando se vai negociar com um jogador africano, por norma oferece-se menos dinheiro do que a um outro jogador, brasileiro ou de outra origem. E é por essa razão. O que é curioso é que convivem duas visões: a de apreciar e procurar o talento africano, mas por outro lado subestimá-lo quando o encontram!

Os resquícios do passado, aqui referidos por António Pereira, podem estar incorporados no racismo institucional ou “de elite”, assinalados por Wieviorka (1998) e Van Dijk (1993), nos estratos sociais dominantes que até podem não ter consciência dos mecanismos da sua dominação e, no limite, até podem defender posições anti-racistas. O que permite e facilita o quase livre, porque mascarado ou invisível, funcionamento do racismo (Wieviorka, 1998: 29). António Pereira aponta os resquícios do nosso passado colonial como causadores da segregação e subestimação dos futebolistas negros num quadro social que não consegue ver-se livre da herança da reificação das “raças” legada pelo colonialismo.

O racismo institucional pode ser enquadrado nas relações coloniais históricas porque o “Portugal do Minho a Timor” (Torgal, 2009), por exemplo, foi um conceito aceite pela maioria do povo português e a ideia mítica do luso-tropicalismo criada por Gilberto Freyre, em vez de promover a integração dos negros, deu antes origem à sua subalternização e ao sentimento paternalista por parte das instituições coloniais e da maioria das pessoas (incluindo os militares) que com eles lidavam (Bastos, 1998).

Wieviorka explicando os mecanismos do racismo, indica o preconceito como sendo a sua forma mais elementar, ao qual está associado o boato. O boato, segundo o professor de psicologia, Gordon Allport (1953), é lançado no espaço público com um

objectivo que pode ir do inócuo ou inocente até ao maldoso e perverso e tem sido utilizado ao longo da história com fins diversos em ambientes de guerra, de luta política ou apenas em conversas de sociedade onde o boato é lançado por quem, ou a mando de quem pensa tirar vantagem do que é propalado. Allport dá exemplos: os imperadores romanos enviavam informadores para as ruas para auscultar o sentir da "gente da rua" e, se necessário, lançar boatos convenientes aos detentores do poder; durante as guerras surgem sempre boatos acerca das atrocidades cometidas pelo inimigo. As cometidas pelos nossos, ou são omissas ou plenamente justificadas, concluindo o autor que os boatos são usados em todos os campos também como estratégia, para diminuir o valor e o prestígio dos outros, dos concorrentes, adversários ou inimigos.

Além destas formas de racismo “não declarado”, existe também uma espécie de racismo cultural que justificaria a discriminação feita aos negros por, alegadamente não partilharem os nossos valores de sucesso nem terem as capacidades “de esforço necessárias para serem bem-sucedidos numa sociedade como a nossa” (Vala e al. 1999:101). No futebol em Portugal, esta presunção por parte de alguns agentes de uma superioridade cultural face aos jovens jogadores leva-os ao paternalismo e também ao aproveitamento das fragilidades, a que chamam lacunas culturais, em benefício próprio. Como é, aliás, mencionado por João Diogo Manteigas respondendo à questão de saber se existe racismo exercido sobre os jovens futebolistas migrantes:

“Racismo, sim, talvez por desconsideração face à forma como se exprimem. Considerar-se que o jovem negro quando chega tem muito pouca formação e esse facto leva a julgarmo-nos superiores e temos a necessidade de o ensinar, de o instruir para suprir essa deficiência. Esse sentimento é latente. Sim, existe racismo, porque há pessoas que usam as lacunas dos jovens para se aproveitarem e abusarem deles.”

Este factor importante na integração destes futebolistas parece contaminado por práticas e preconceitos dos representantes de clubes ou empresários que os vão buscar à Guiné-Bissau. Chegar carregado de sonhos, enfrentar uma realidade hostil e ainda por cima ver-se abandonado ou enganado pelos agentes, não ajuda. De acordo com alguns entrevistados, alguns empresários guineenses discriminam os futebolistas e usam do seu estatuto para explorar e abusar dos mais fracos.

Generalizando, a discriminação racial corresponde a uma lógica de diferenciação que por sua vez é hierarquizada não só pela cor da pele mas também pelo estatuto ou classe social. Os seus efeitos são por exemplo a forma como são olhados com

desconfiança os jovens negros que frequentam alguns locais que, no imaginário social pertencem “naturalmente” aos brancos e também a facilidade com que são vistos como “os suspeitos do costume” pela polícia e demais autoridades, como perturbadores da ordem pública.

Enquanto os negros foram muito minoritários, eram apenas olhados como seres exóticos. Tal percepção é evidente no testemunho do guineense Hélder Borja, por mim entrevistado, acerca da forma como ele e os pais foram recebidos na vila de Paredes, no norte do país, quando em 1982 chegaram a Portugal:

Teve dificuldades em adaptar-se a Portugal?

Sim, as pessoas não sabem muito bem lidar com a diferença. Sabe, em Paredes, naquela altura, não vivia nenhum preto (risos)... nós fomos os primeiros a morar em Paredes, e creio que não era racismo... era mais uma questão de diferença. Era o medo do desconhecido, aquilo que afastava as pessoas de nós.

Nunca sentiu racismo?

Na forma de tratarem melhor os brancos do que a nós, não, nunca senti. Nem eu nem a minha família. É como lhe disse, era a estranheza...

Da estranheza sentida então pela comunidade local perante a chegada de alguém com traços fenotípicos diferentes, até à actualidade e ao sentimento de superioridade em relação aos estranhos, manifestado com a frequência que o hábito naturalizou, nos mais variados campos onde os “nossos” sentem necessidade de impor uma suposta supremacia, vai todo um caminho feito de preconceitos, equívocos, humilhações, insultos e demais ofensas geradas pelo racismo. No futebol português são recorrentes os trejeitos racistas dos espectadores quando assistem a um jogo. De uma maneira geral o objectivo é irritar com gestos ou palavras o adversário. Qualquer adepto de futebol conhece casos destes.

Bebiano Gomes, hoje é advogado mas já foi jogador de futebol. Quando o entrevistei, perguntei-lhe se alguma vez se sentira alvo de racismo:

Olhe, não sei se tem a ver com a minha personalidade mas nunca dei confiança a ninguém para ter atitudes racistas comigo.

E durante os jogos, da parte dos espectadores?

Sem contar com os insultos que podem ser colocados num outro campo, das emoções do calor do jogo, chamarem-me preto e mandarem-me para aqui e ali...

Mas isso não é racismo?

Claro que é... mas eu já chego lá. No campo, com a emoção do jogo, os insultos são atitudes racistas, mas compreensíveis no contexto daquele ambiente. Mas sim, claro que existe racismo camuflado em Portugal.

Camuflado ou flagrante, o racismo nos estádios portugueses tem sido notícia. Com o objectivo de aferir a presença de práticas racistas no país, analisámos factos e opiniões relevantes a fim de testar a hipótese colocada por esta dissertação, isto é, saber da existência de um certo paternalismo sobre os jovens futebolistas negros, por parte de agentes e empresários desportivos, dirigentes de clubes, jornalistas e, de um modo geral, pela sociedade portuguesa, que leva a um tratamento de menoridade e desconsideração, subjacente ao qual está uma visão racista.

Alguns exemplos de racismo no futebol em Portugal:

No dia 16 de Fevereiro de 2012, num jogo no Estádio do Dragão para a Liga dos Campeões Europeus, entre o F.C. Porto e o Manchester City, adeptos do Porto lançaram insultos racistas contra os futebolistas negros, Mário Balotelli e Yaya Touré. O presidente do Sindicato dos jogadores (SNJF), Joaquim Evangelista, saiu em defesa dos adeptos portistas:

“É injusto associar os adeptos do Porto a este tema, sem prejuízo de que isso possa ocorrer pontualmente. Os adeptos portugueses, incluindo os do FC Porto, não são um mau exemplo neste ponto”. O incidente foi alvo de inquérito e o clube foi multado em 20.000 euros pela UEFA. Uma semana depois, na apresentação das comemorações do seu 40º aniversário, o Sindicato de Jogadores foi palco para o lançamento da Semana Contra o Racismo e Violência no Desporto. Abel Xavier, ex-jogador, eleito para ser o embaixador desta iniciativa, confessou ter sido pontualmente vítima de racismo na sua carreira e venceu a importância de passar uma mensagem de tolerância¹⁴. A declaração de Joaquim Evangelista é entendível como recusa à generalização da que foi uma

¹⁴ – Em http://desporto.sapo.mz/futebol/primeira_liga/artigo/2012/02/23/racismo-nao-e-um-fenomeno-do-futebol-portugues (consultado em 6/5/2017)

atitude racista, pontual, num jogo, de alguns adeptos. Claro que a maioria dos portistas não se identifica com esta atitude. No entanto, ao não condenar o racismo “pontual”, ainda que apenas de alguns adeptos, Evangelista foi condescendente.

Sobre o mesmo assunto, Miguel Relvas, o então responsável governamental pela área do desporto, declarou,
*“em Portugal não há racismo no futebol. Se alguém ousa afirmar o contrário, só se pode mover por inveja e resquícios de imperialismo e colonialismo do passado (Inglaterra)”*¹⁵.

Esta declaração de um membro do governo português é interessante porque, além de preconceituosa, está alinhada com a ideia plantada pelo luso-tropicalismo, de que o colonialismo português era benéfico e não enfermava da violência de outros sistemas coloniais, como o inglês.

Fernando Luís Machado (2000) alerta para os vários nomes e conceitos que acobertam o racismo do tempo actual, bem como as formas subtis da sua aplicação, quando se trata de segregar, diminuir e minorizar os negros. No caso dos adeptos portistas como nos casos recorrentes nos campos de futebol, em que são lançadas bananas das bancadas na direcção de jogadores adversários de pele negra ou o já conhecido som a imitar os macacos, trata-se claramente de racismo enquanto preconceito, conforme a designação de Machado.

No jornal *Record* do dia 2 de Maio de 2016, Daniel Oliveira escrevia um artigo de opinião intitulado “Todos Macacos” onde analisava o caso recente do jogador do Barcelona, Dani Alves, que fora alvo durante um jogo de um insulto racista, na forma de uma banana lançada para os seus pés por um espectador do Viliarreal, no estádio El Madrigal. A crónica termina com a seguinte conclusão:

“Haverá sempre racistas no estádio. Apenas se quer que guardem o racismo para si. Cabe-nos a nós, todos macacos, mandá-los calar”(Oliveira, 2014).

Esta será a atitude maioritariamente assumida e politicamente correcta da população portuguesa. No entanto, os casos sucedem-se, embora a maior parte deles não sejam denunciados, como reconhecem as autoridades desportivas e é constatável por

¹⁵ – Em http://desporto.sapo.mz/futebol/primeira_liga/artigo/2012/02/23/racismo-nao-e-um-fenomeno-do-futebol-portugues (consultado em 6/5/2017)

quem, como eu, assiste a vários jogos, ao vivo, durante o ano.

Outro aspecto deste processo migratório é a integração dos jogadores negros na sociedade portuguesa. A parte mais fácil da integração é seguramente a que está relacionada com o jogo, isto é, durante os treinos e os jogos ao serviço do clube onde estão. Aí, em função do talento, da sorte e das circunstâncias, a vida decorre sem grandes problemas porque a linguagem do futebol é universal e os jogadores fazem o que têm a fazer, sem grandes problemas de integração, à partida. A interacção com os colegas e com a equipa técnica também não complica a integração. O pior é quando as coisas correm mal. Nessas alturas, podem ressuscitar os preconceitos racistas, sobretudo nos espectadores, como aconteceu no dia 4 de Novembro de 2016, no jogo entre o clube União de Paredes e o Barrosas, da Divisão de Elite dos Distritais da Associação de Futebol do Porto que viria a terminar com o triunfo por 3-0 da formação visitante, houve um jogador que acabou por ser alvo da fúria dos adeptos locais. O senegalês Mamadou Sène, de 21 anos, ouviu alguns improperios vindos das bancadas, como por exemplo, “ó preto, vai-te embora”. O presidente do clube saiu em defesa do futebolista, abraçou-o, avisando os adeptos de que este era jogador da equipa e que, portanto, deveria ser apoiado e não insultado: “Ele é jogador do Paredes! É jogador do Paredes. A culpa [da derrota] é minha”, terá afirmado ¹⁶.

Este caso ilustra bem a dificuldade que a população portuguesa tem em aceitar como igual, aqueles que considera diferentes, devido aos traços fenotípicos. Como diz Machado, “No limite, por acção ou omissão, quer ao nível das interacções individuais e de grupo, quer ao nível institucional, tudo o que envolve a inserção dessas populações nas sociedades receptoras seria, em suma, marcado pelo racismo e poderia, portanto, ser equacionado e analisado nesses termos” (Machado, 2000: 10). Ou seja, por mais declarações e juras anti-racistas, no calor da emoção e da libertação das frustrações do quotidiano propiciadas por um jogo de futebol, o racismo vem ao de cima e esse clima de animosidade latente manifesta-se nas ocasiões em que as coisas não nos correm de feição e aí, o verniz da convivência multicultural estala. O que, convenhamos, não facilita em nada a integração dos migrantes, sobretudo se tiverem pele negra. Por seu lado, Joaquim Evangelista que em 2012 tinha garantido não haver racismo no futebol

¹⁶ – <https://www.noticiasao minuto.com/desporto/682027/insultado-por-ser-negro-presidente-abraca-o-e-defende-o-de-adeptos> (consultado em 6/5/2017)

português, moderou a sua opinião em 2016. É a dedução lógica da leitura de um comunicado sob o título *Um combate diário*, emitido pelo sindicato ao qual preside:

“O Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol (SJPF) tomou conhecimento dos comentários racistas proferidos pelo treinador do Portimonense, José Augusto, em relação ao jogador do Sporting B, Mama Baldé, durante a partida realizada entre as duas equipas. Os referidos comentários constituem uma prática inaceitável que merece o mais incisivo repúdio, independentemente do contexto em que foram produzidos. Há quem, atento o sentimento de amizade, veja nalguns comentários racistas manifestações de carinho e respeito ou os considere próprios de um jogo de futebol. Ora, salvo o devido respeito, importa erradicar estes comportamentos. Se temos uma relação de proximidade, aumenta a responsabilidade e a importância de dar o exemplo”¹⁷.

Perfeitamente de acordo com Joaquim Evangelista. De um sindicato espera-se a defesa inequívoca dos direitos dos trabalhadores, e a defesa dos princípios da igualdade de tratamento, qualquer que seja a cor da pele do jogador ou o “tamanho” e influência do clube, alvo da queixa.

Miguel Jerónimo, no posfácio do livro de Joana Henriques, *Racismo em Português*, afirma: “A subalternidade é um grilhão difícil de desarmar. Tem múltiplos pesos, cuja utilidade política, social e económica foi explorada em condições muito diversas. E não desaparece por decreto” (Henriques, 2016:221).

Os jovens futebolistas migrantes em Portugal são claramente subalternizados, de forma consciente ou não, pelos vários agentes ou intermediários envolvidos no processo da sua vinda da Guiné-Bissau. Apesar disso, não dão grande importância a essa questão, à forma como são tratados. Para eles, o importante parece ter sido conseguirem sair da Guiné e estarem em Portugal a jogar futebol. No decorrer das entrevistas que efectuei aos quatro jovens, tive dificuldade em abordar essas questões porque após várias tentativas, fiquei com a sensação de estar a falar de coisas que só a mim preocupavam. Para eles não faziam sentido. Ao dizerem que foram bem tratados e que não têm queixas de ninguém, não tenho forma de saber se o dizem por convicção ou por receio das consequências para quem se queixa ou denuncia o que de mal existe neste campo. Mas de uma coisa não tenho dúvidas: foi por vontade própria e por muito quererem vir, que vieram.

¹⁷ - http://sjpf.pt/index.php?pt=noticias_sos&op=OP_SHOW_DETAIL&id=7574%22 (consultado em 6/5/2017)

CAPÍTULO II

Migrar de Moçambique no Tempo Colonial

Nuno Domingos estudou e escreveu bastante sobre a história do futebol em Moçambique. Por ele, ficamos a conhecer como foram os primeiros passos do novo desporto, no início do século XX, e percebemos que ao futebol moçambicano “faltou berço...”, aquela patine aristocrática de outras modalidades amadoras praticadas pelas elites locais ou coloniais, como o ténis, o rugby, ou até mesmo o cricket, por influência dos vizinhos anglófonos da África do Sul e da então Zambézia. Domingos dá-nos conta da estranheza dos cronistas ingleses quando faziam a narrativa dos jogos, acusando os locais de não serem “*gentlemen*”, nem dentro nem fora do terreno de jogo (Domingos, 2006a:407). Os ingleses não conseguiam esconder a avaliação pejorativa de raiz etnocêntrica quando olhavam para as diferenças comportamentais entre europeus e africanos, ainda que nesse tempo, nas primeiras décadas do século, as equipas locais não incluíssem negros. Eram compostas por portugueses ou moçambicanos brancos pertencentes à elite colonial.

O capitão do exército colonial Ismael Mário Jorge foi um participante activo no desenvolvimento do futebol na colónia e foi pioneiro nos escritos sobre o mesmo. Citado por Domingos, o capitão Mário Jorge defendia a existência de uma clivagem tal entre europeus e africanos que levava à exclusão dos africanos negros da prática do futebol, por considerar que não tinham cultura desportiva. Segundo ele, eram mais dados à caça, à pesca, às danças guerreiras, aos saltos, enfim, “a actividades físicas que faziam parte de uma ordem «natural», não confundível com a complexidade dos desportos praticados pelos europeus” (idem:405). Ora, a realidade acabou por contrariar a tese do capitão. Rapidamente, as crianças e os jovens moçambicanos, na sua maioria negros, aderiram ao jogo e qualquer terreno servia para jogar à bola, fosse esta feita de trapos ou qualquer outro material onde se pudesse dar um chuto, desde que cumprisse minimamente a formal condição de ser arredondada.

A transição do futebol como desporto de elites e a sua “degenerescência” e apropriação pelas classes populares foi rápida e inelutável, bem como a evidência de os melhores futebolistas serem mesmo os negros e mestiços que viviam e jogavam nos subúrbios de Lourenço Marques.

O futebol em Moçambique

Nesta altura, a expansão e popularidade do futebol deve ter sido vista pelos governantes portugueses como uma forma interessante de divulgar as ideias e valores da metrópole entre os moçambicanos, de um modo fácil e barato, tendo em vista a afirmação do domínio cultural e político nas colónias. No entanto, não existem sinais de qualquer estratégia pensada e estruturada pelos ideólogos do regime. O interesse pelo futebol foi enquadrado, “no contexto de discriminação racial que caracterizou a administração colonial portuguesa” (Domingos, 2006b:4) e numa política próxima do darwinismo social aplicada às populações locais, tendente a promover a sua “evolução” de “selvagens” para “indígenas” o que, para além de justificar a missão civilizadora portuguesa em África, estabelecia barreiras e limites consignados em direitos e deveres que na prática, não andavam muito longe do apartheid vigente na África do Sul. Havia também a categoria dos “assimilados”, isto é, aqueles que vivendo no subúrbio tinham dado provas de adaptação à cultura portuguesa, passando por isso à condição de “civilizados” (Domingos, 2012:64), ainda que esta condição não lhes abrisse o caminho para partilhar com os brancos o uso dos espaços de lazer (praias, cinemas, cafés) da baixa da cidade. Como escreve Domingos, citando Valdemir Zamparoni, esses espaços públicos eram exclusivos dos brancos (idem:71).

A expansão do associativismo deu origem à criação de dezenas de clubes em Lourenço Marques, nos bairros periféricos, no “caniço” e na baixa, na “cidade do cimento”, mas sem misturas. A geografia da cidade ficava dividida socialmente entre pobres e ricos e entre negros e brancos, cada qual com os seus clubes e respectivas competições autónomas. Os da baixa sob a égide da Associação de Futebol de Lourenço Marques (AFLM), criada em 14 de Maio de 1932 e pertencente à orgânica da Federação Portuguesa de Futebol, e os outros clubes organizados na Associação de Futebol Africana (AFA). Até ao final dos anos 1950, muito poucos jogadores não brancos conseguiram entrar nas equipas da “baixa” (Domingos,2012:80). Porém, as contradições entre os vários interesses, coloniais e locais, a pressão social das populações, das corporações e dos clubes alertados para a presença de talentos no campeonato da periferia, foram criando brechas na resistência a misturar brancos e negros: “Os que foram entrando no futebol da “baixa” eram quase todos mestiços, sempre preferidos aos negros. Todos deviam ser assimilados” (Domingos, 2013:237).

Esta “necessidade” de assimilação reflectia-se na diferenciação social presente na organização das competições desportivas, caracterizados sobretudo pela separação entre brancos e negros e correspondia ao desejo político das autoridades e dos colonos. Esta clivagem consubstanciava-se de várias maneiras exclusivas e decorria das classificações explícitas na lei do indigenato que, no 1º artigo do 1º capítulo, instituiu o «Estatuto» do indígena com a seguinte premissa: “O facto de os nativos das províncias portuguesas da Africa continental se encontrarem ainda em determinado grau inferior de civilização implica a necessidade de se processar um ordenamento jurídico adequado à possibilidade de efectivação de poderes e deveres por parte desses nativos.” (Ferreira e Da Veiga, 1957).

Esta lei, publicada no Diário do Governo de 19 de Junho de 1954, durou até 6 de Setembro de 1961 (ano em que começou a guerra colonial), com as reformas introduzidas por Adriano Moreira que havia sido nomeado ministro do Ultramar cinco meses antes¹⁸.

Os principais clubes portugueses tinham filiais em Moçambique. O mais segregacionista era o Sporting de Lourenço Marques porque só admitia jogadores brancos na sua equipa. “Nos outros havia mistura” (Domingos, 2012:75). É a partir destes clubes que surge a hipótese de recrutamento e posterior transferência para a metrópole dos melhores jogadores. Os primeiros a partir foram Mário Wilson e Júlio Cernadas (Juca), para o Sporting, em 1949. Viajaram juntos, de barco, e a descrição de Mário Wilson, acerca da discriminação de que foi vítima no barco, por ser mulato, revela o racismo flagrante,

“Viemos no Mouzinho de Albuquerque, eu e o Juca. O Juca era um bonitão, de uma elegância fantástica, ainda por cima de raça branca. Era um dos engatões nessa viagem. Nos bailaricos lá estava o Juca. Nós, os africanos de cor, ainda que eu tivesse uma estatura agradável, éramos segregados, punham-nos de parte de forma violenta”¹⁹

¹⁸ – Portal da História, 2000-2008 Cronologia da Guerra do Ultramar – de 1961 a 1974 -, 1961 em <http://www.arqnet.pt/portal/portugal/guerrafica/> (consultado em 8/5/2015).

¹⁹ - Em entrevista concedida a Carlos Rias, no dia em que fez 80 anos, em <https://serbenfiquista.com/forum/imortais/mario-wilson-o-velho-capitao/25/?imode>, (consultado em 22/04/2017)

Seguiu-se Sebastião Lucas da Fonseca (Matateu), em 1951, para o Belenenses.

O exótico Matateu, ou a força do futebol

Em Portugal, no início da década de 60, a hegemonia do futebol pertencia ao Sporting Clube de Portugal. Matateu, não sendo o primeiro futebolista oriundo de Moçambique a vir para Portugal foi, no entanto, o primeiro a surpreender os portugueses pelo seu talento e criatividade. O contrato que assinou foi considerado caro para o clube, 30.000\$00 pela assinatura do contrato e 1.600\$00 por mês,²⁰ e às primeiras impressões parecia ser muito dinheiro por um jogador.

Os adeptos duvidavam da bondade do negócio, até porque desconfiavam do seu real valor futebolístico. Mas no dia 23 de Setembro de 1951, no primeiro jogo do campeonato, contra o Sporting, campeão em título e nessa altura “dono” do futebol em Portugal, Matateu marcou dois golos e contribuiu com uma grande exibição para a inesperada vitória por 4-3 do Belenenses. Assim que terminou o jogo, o delírio dos adeptos da equipa azul fez com que entrassem em campo para levantar em ombros Matateu¹⁹, levando-o em passeio triunfal até à sede do clube na Rua da Junqueira, como ilustrado nesta foto do Museu Virtual do Futebol²¹.



Levado em ombros no final do seu primeiro Belenenses - Sporting
Arquivo de Álvaro Antunes

²⁰ - Século de Joanesburgo, Glórias do passado "Matateu" do Clube Futebol Os Belenenses, in http://www.oseculoonline.com/index.php?option=com_content&task=view&id=3149 (consultado em 15/5/2017)

²¹ - Século de Joanesburgo, Glórias do passado "Matateu" do Clube Futebol Os Belenenses, in http://www.oseculoonline.com/index.php?option=com_content&task=view&id=3149 (consultado em 15/5/2017)

Tanto quanto se sabe, foi a primeira vez que um negro foi levado em ombros por brancos, como narrava o jornal “*A Bola*” do dia seguinte, considerando Matateu, “O primeiro fenómeno que o futebol deu ao país”.

Este episódio com Matateu revela algumas nuances, ou paradoxos, do discurso racial nos diferentes contextos. Nesse tempo, permanecia bem viva a herança legada pelo iluminismo acerca das diferenças entre europeus e africanos. Achile M´Bembe aponta o dedo ao iluminismo por ter difundido ideias depois feitas paradigma, “(...) os africanos teriam desenvolvido concepções particulares sobre a sociedade, o mundo e o bem que eles não compartilhariam com outros povos (...) Por causa desta diferença radical, seria legítimo excluí-los, tanto de facto como de jure, da esfera da total e completa cidadania humana: eles nada têm que possa contribuir para o desenvolvimento do universal” (Mbembe, 2001:178).

Em Portugal, aceitavam-se estas premissas sobre a raça como base fundamental da colonização. Importa recordar que, nessa altura, a presença de negros em Portugal e no futebol português era praticamente inexistente. Os negros eram olhados com estranheza, como seres exóticos, no sentido que era dado no império às diferenças culturais e fenotípicas dos povos colonizados. Além da ideia estruturada pelo iluminismo, havia a exibição mais recente da versão passada aos portugueses pelo regime do Estado Novo, da imagem dos negros como seres primitivos, inferiores, e necessitados de serem salvos do estado selvagem em que viviam, e “civilizados” por nós. Foi isso que fez a Exposição do Mundo Português, em 1940, mostrando supostas “réplicas” do seu estilo de vida em África, em formato de zoos humanos, mas sem que aos actores trazidos das colónias expressamente fosse atribuída dimensão humana. A acompanhar essa Exposição, construída para glorificar o império, foi editada uma colecção de postais com as personagens-típicas dos nativos de cada pedaço do império, “(...) numa celebração da magnificência imperial, destinada a reforçar a fé do povo na vocação específica de um Portugal colonial”(Lemos Martins et al, 2012:274).

Qual a explicação, então, para que dez anos depois da reificação desta ideia de inferioridade rática e incapacidade para executar tarefas complexas, tal como era o futebol praticado pelos brancos, tenha surgido o “exótico” e negro Matateu a contrariá-la e de tal forma que os adeptos, todos brancos, o levaram em ombros? O que levaria os adeptos do Belenenses a idolatrar Matateu? Uma hipótese seria o clubismo exacerbado ou o facciosismo que faz dos nossos os bons, os virtuosos. E Matateu era deles, vencera

o rival e isso, naquele momento, era mais importante do que tudo o resto, incluindo a cor da pele.

Com o seu talento futebolístico Matateu abriu a porta da migração a muitos outros jogadores de Moçambique e das outras colónias portuguesas. As transferências não renderam aos clubes africanos avultadas quantias de dinheiro (o futebol ainda não era a indústria que é hoje), mas a chegada ao campeonato português destes jogadores provocou alterações, e não só pelo estilo de jogo. Desde logo, nos próprios que, ao passarem de amadores a profissionais, ascenderam social e economicamente na vida. E isto porque, em Moçambique as relações estabelecidas entre eles e os clubes da “baixa” eram marcadas pela segregação e pela ideia do “amor à camisola”, expressão que significa uma submissa paixão de sentido único e sem correspondência. Ou seja, não havia dinheiro para os futebolistas. Aos mais talentosos, quando muito, era arranjado um emprego (Domingos, 2013).

Em Portugal, essa mesma ideia enquadrava a expectável dedicação dos jogadores aos clubes, sem receberem dinheiro. Apenas alguns deles teriam o privilégio de pequenos subsídios para refeições e transportes. A chegada dos jogadores africanos com o comportamento pragmático de reclamar o pagamento do seu talento futebolístico alterou a situação. Talvez esse factor, que acabou por encarecer o orçamento dos clubes, tenha acelerado a necessidade de uma organização profissionalizada que, aliás, já existia em alguns países europeus. Ao mesmo tempo, os ecos da crescente mercantilização do espectáculo futebolístico que chegavam desses países, através das emissões da RTP, entretanto inauguradas em 1957, influenciaram os comportamentos dos jogadores em Portugal que passaram a reivindicar o direito a serem olhados como trabalhadores que vendiam a sua força de trabalho.

A forma de jogar, caracterizada pela astúcia, criatividade e improviso, a que juntavam uma linguagem própria impregnada de termos da gíria futebolística, a que o poeta moçambicano José Craveirinha chamaria “terminologia *Ronga*” (Domingos, 2006a:410), eram características incorporadas no *habitus* dos jogadores africanos que marcavam a diferença no até então previsível futebol nacional. Enquanto Craveirinha, citado por Nuno Domingos, traduz o significado de alguns desses termos e da malícia implícita nos gestos, Domingos tenta explicá-los, dizendo que parecem gestos sem sentido, atípicos do futebol moderno em que o fundamental é o resultado e a vitória. Estes jogadores levavam para os confrontos com os adversários uma astúcia feita de “gestos e significados particulares”, reconhecidos “tanto pelos outros praticantes como

pelos espectadores, que, compreendendo o significado dos lances, se manifestariam no momento da sua ocorrência” (idem: 410-411).

As “novidades africanas”, fosse pelo exotismo ou pela beleza do estilo de jogo, atraíam bastante mais gente aos estádios com o consequente reflexo nas receitas de bilheteira. Ainda assim, não é possível quantificar a mais-valia económica que os jogadores africanos trouxeram ao futebol nacional. Mas era evidente o encanto dos espectadores pelo seu estilo de jogo que, segundo a narrativa dominante no imaginário social, à época, contribuía para diferenciar-nos dos países europeus.

Vicente, Coluna, Hilário e Eusébio

O facto é que em 1966, a selecção portuguesa que integrava estes quatro moçambicanos conquistou um brilhante 3º lugar no Campeonato do Mundo, disputado no Reino Unido, na que foi a melhor classificação de sempre da selecção nacional.

Destes quatro internacionais da equipa de 1966, retiram-se excertos da entrevista que um deles, Hilário, deu a Nuno Domingos, pelo significado do que é dito.

Hilário chegou a Portugal em 1958, directamente para o Sporting Club de Portugal. Antes, andava descalço no bairro da Mafalala, onde nasceu, mestiço, filho de pai português e mãe africana. Jogava pelo Manhuanense, no campeonato organizado pela AFA. A sua transferência fez-se nos mesmos moldes das anteriores. Nesse tempo não havia empresários e a estrutura do futebol na Europa e particularmente em Portugal, ainda era incipiente. Em África havia uns representantes dos clubes que acumulavam o papel de “olheiros” para descobrir e recrutar talentos para os clubes portugueses.

Como é referido por Nuno Domingos (2013), o recrutamento dos jogadores nem sempre foi pacífico. No caso de Hilário a tensão principal não foi provocada por qualquer dúvida entre ficar ou partir, clivagens classistas ou factores de ordem psicológica. Teve a ver com questões políticas. Aconteceu entre ele e os amigos de sempre da Mafalala, quando aceitou ir jogar para o Sporting de Lourenço Marques, clube alegadamente segregacionista. Hilário conta o que aconteceu: “Eu fui para a Companhia das Águas trabalhar como canalizador, mas, na Mafalala, os meus amigos todos não perdoaram, porque o Sporting era o clube que não aceitava nenhuma gente de cor. O Sporting era o clube dos polícias, e eu disse: “Epá, mas eu preciso de viver”. Os meus amigos olharam para mim de forma diferente” (Domingos, 2013: 238).

Mas esse período de tensão foi curto e rapidamente ultrapassado com a sua vinda para Portugal, onde daria aos seus amigos muitos motivos de satisfação e orgulho. Nele se reviam como um dos seus que, lá longe, alcançava feitos que os fazia consumir até às migalhas tudo o que tivesse a ver com o futebol português que nessa altura entrou de rompante na narrativa da cultura popular dos subalternos de Lourenço Marques.

Escreve Nuno Domingos, "A passagem da pobreza remediada do subúrbio de Lourenço Marques para Lisboa representava para os jogadores de futebol moçambicanos um salto significativo" (idem:243).

Esse salto representava em termos desportivos a possibilidade de evoluir na carreira e em termos financeiros garantia-lhes dinheiro mais que suficiente para serem considerados ricos. Hilário em entrevista a Nuno Domingos:

"P – A diferença foi muita quando veio para Lisboa. Como foi a passagem de Lourenço Marques para Lisboa?

H – *Um indivíduo que vive no subúrbio com carências disto e daquilo e mais alguma coisa e de repente chega aqui e tem uma boa casa, um bom carro, boa comida, um bom ordenado, viaja muito, joga num campo com 50 mil pessoas, 40 mil pessoas e sem preparação para encarar esta situação. Há muitos jogadores que vieram que não aguentaram. Há uma disciplina, e depois um gajo começa a ser assediado para isto para aquilo. Uma pessoa tem que ter alguém que acompanhe, mas naquela altura não havia, não havia empresários nem nada. Um gajo chegava aqui e, ou era humilde e as coisas não lhe subiam à cabeça, ou então estava mal (...)*

P – O futebol era uma área em que os africanos poderiam ter uma ascensão...

H – *Pois... (...) Era uma chance que tínhamos para sair daquele fosso para melhor.*

P – O Hilário alguma vez sentiu algum tipo de racismo dentro dos campos em relação ao público, bocas, esse tipo de coisas?

H – *Nunca...*

P – Nunca?

H – *Nunca. Pelo contrário, éramos bem tratados. Éramos queridos por toda a gente..."* (idem: 245).

“Queridos por toda a gente” é uma expressão acrítica mas reveladora do estado de graça em que Hilário emoldura a história da sua vinda para Portugal, que acabou por funcionar de forma ambivalente. Serviu ao poder colonial para reforçar a ideia apresentada por Salazar de as colónias serem as províncias ultramarinas de um país do Minho a Timor. E para Hilário constituiu, objectivamente, o grande salto na sua vida a caminho da ascensão social desejada. Num período difícil para o regime, enfrentando a sublevação dos movimentos de libertação nas colónias, com a guerra a eclodir em Angola, na Guiné e em Moçambique, a presença destes futebolistas servia para dar ao mundo uma ideia de um país integrador onde havia lugar para todos os filhos da grande nação portuguesa, segundo o discurso oficial do Estado Novo (Nogueira 1961: 213).

O público português apreciava o talento superlativo dos africanos que iam chegando para jogar futebol, o que ajudou à sua integração social. Por outro lado, as carreiras brilhantes de quase todos eles nos clubes, levou-os à selecção nacional e à aceitação afectuosa dos portugueses. O 3º lugar no Mundial de 1966, aumentou-lhes o prestígio e a fama. Fez deles figuras de proa da sociedade portuguesa e, no caso particular de Eusébio, a vulgata futebolística alcandorou-o mesmo ao trono dos heróis, cognominando-o de “King”.

Mas ainda antes de ser coroado no reino futebolístico, já era capa de revistas, como resultado do êxito da sua ascensão social. Esta fotografia em que Eusébio aparece na capa da revista Flama²² do dia 10 de Junho de 1966, ilustra bem o caso de maior sucesso de integração na sociedade portuguesa de um jogador de futebol.



²² - <https://www.sportsmemories.be/Book.aspx?id=10204>

Os chamados clubes grandes, Benfica, Sporting, Porto e Belenenses²³, eram os que atraíam mais jogadores africanos, mas havia também a CUF do Barreiro e a Académica de Coimbra que acolhiam outros menos cotados. No Barreiro conseguiam emprego na grande empresa do regime, a Companhia União Fabril. Em Coimbra jogavam e tentavam conciliar o futebol com os estudos. Alguns conseguiram, como Mário Wilson ou os angolanos Mário Torres, Maló, Manuel António, França, e outros que obtiveram cursos universitários em várias áreas.

Nestes clubes “médios”, chamemos-lhes assim, os jogadores mantinham a condição de amadores ou semiprofissionais que já conheciam em África mas garantiam o futuro que, não sendo assegurado pelos ordenados relativamente baixos, ficava mais risonho graças ao emprego ou ao curso académico, depois de terminada a carreira no futebol. Mário Wilson foi um caso especial. Depois do Sporting transferiu-se para a Académica onde ficou treze anos como jogador, tendo continuado depois como treinador. Conquistou um enorme prestígio e o nome pelo qual é carinhosa e respeitosamente tratado de “Velho Capitão”.

A participação cívica dos futebolistas africanos durante o período colonial foi, de uma maneira geral, caracterizada pelo apolitismo, declarado ou não. Em 1961, tinha começado a guerra colonial em Angola, Moçambique e Guiné, e a maioria deles evitava falar do assunto e tomar posição. As exceções foram alguns angolanos como Daniel Chipenda e França Van Dúnen que, desde cedo, militaram a favor da causa nacionalista da independência de Angola. Com os riscos inerentes, claro, que os levaram a passar à clandestinidade e a abandonar Portugal à pressa devido à perseguição da PIDE. “A minha política é o futebol”, diziam os apolíticos quando questionados. Certamente influenciados pela frase tantas vezes ouvida, “a minha política é o trabalho”²⁴, dita por aqueles que durante o Estado Novo remetiam para os chamados políticos (encartados e profissionais) a penosa tarefa de pensar por eles.

Na sequência do 25 de Abril de 1974, as independências poderiam ser um factor de atracção para o regresso. Hilário, o entrevistado de Nuno Domingos, quando questionado sobre essa hipótese, coloca-a convictamente de lado. Foi como se quisesse

²³ - Nas décadas de 20/30/40/50 do século XX, O C.F. Os Belenenses era um dos grandes clubes em Portugal.

²⁴ - Frase comumente ouvida antes do 25 de Abril de 1974, em reuniões e plenários de trabalhadores.

afastar definitivamente o modo de vida anterior à sua partida, quando olhava o mundo a partir do seu bairro no subúrbio, com a segurança dada pelos vizinhos da Mafalala, onde tinha os amigos, conhecia os becos, cantos e segredos e onde disse que preferia morar, em vez de morar no Polana, na “cidade dos brancos”. Porém agora respondeu assim:

P – O Hilário quando regressa a Maputo ainda vai à Mafalala?

H – *Todos os dias. De manhã e de tarde.*

P – E continua com os seus amigos lá...

H – *Continuo, uns mais velhos e uns mais novos.*

P – Portanto se estivesse a morar hoje em Moçambique, preferia viver na Mafalala?

H – *Não. Ia para a cidade... mas quer dizer, ia sempre à Mafalala visitar os meus amigos, os meus irmãos. Agora se eu fosse solteiro, até era capaz de viver na Mafalala. Mas sou casado e não vou sacrificar a minha mulher... E viver na Mafalala, pela alma de quem?” (ibidem: 245)*

Hilário recusa regressar a um passado do qual conseguiu sair, graças ao futebol. A sua ascensão social foi conquistada através da agência individual e uma vez alcançada, não põe sequer a hipótese de voltar para Moçambique e muito menos para a Mafalala, o seu bairro.

Em Moçambique, Mário Coluna foi a excepção. Voltou, assumiu a nacionalidade, foi treinador, dirigente e presidente da federação de futebol, ao mesmo tempo que acumulava as funções de embaixador do desporto moçambicano. Hilário e Eusébio também voltaram a Moçambique, mas de visita, como turistas ou convidados, e sempre em estadias de curta duração.

A integração dos jogadores migrantes no tempo colonial

A integração em Portugal dos jogadores moçambicanos do tempo colonial foi relativamente fácil. Não só por via dos feitos desportivos que os elevaram ao patamar da admiração popular, mas também pelas razões objectivas do modo como decorreu o processo migratório. A sua integração foi facilitada obviamente no campo desportivo

pela qualidade do seu futebol, mas também pela vontade política do regime em os acolher como portugueses de pleno direito e, no caso dos internacionais, exhibi-los ao mundo com muito orgulho, apesar década vez mais sós em termos internacionais.

Quanto às dezenas de outros jogadores que vieram e não atingiram nível tão elevado no futebol, ainda assim os casos de inadaptação social são raros. Os actuais meios de comunicação, em particular a imprensa desportiva, têm por hábito escrutinar as vidas dos antigos jogadores. E não são conhecidos casos graves e dramáticos. As dezenas de migrantes dessa altura, integraram-se com relativa facilidade nos clubes e na sociedade portuguesa. O facto de serem poucos facilitou a integração. A sua presença, quando muito, causou alguma estranheza. Mas nunca foram vistos como ameaça, usurpadores de empregos ou invasores de terra alheia.

CAPÍTULO III

Migrar da Guiné, país independente

A vida na Guiné-Bissau desde os anos 80 do século passado, não tem sido fácil para a maioria da população, confrontada que está com a instabilidade política e militar que impede a paz e o funcionamento de uma sociedade minimamente organizada.

A razão da instabilidade política na Guiné-Bissau tem raízes que nascem no seio do PAIGC, no tempo da luta armada contra o exército colonial, segundo Sangreman et al, (2006). No texto que Carlos Sangreman escreveu juntamente com Fernando Sousa Jr, Guilherme Zeverino e Miguel Barros, *A evolução política recente na Guiné-Bissau: -As eleições presidenciais de 2005 -Os conflitos -O desenvolvimento - A sociedade civil*, são analisados os factos que marcaram a história do país independente e dos conflitos militares frequentes, com as consequências sociais conhecidas.

António Aly Silva, no seu blogue *Ditadura do Consenso*, em 25/5/2012, comentando o golpe de Estado do dia 12 de Abril desse ano, historiava a sucessão de golpes anteriores e completava, de algum modo, o cenário de instabilidade política e social em que a Guiné-Bissau tem vivido. Para estes autores, a transformação do PAIGC de movimento de libertação em partido dirigente da Guiné-Bissau trouxe problemas de adaptação, agravados pelo conflito latente entre cabo-verdianos e guineenses e pela existência de uma camada da população, nomeadamente em Bissau e Bafatá, que não apoiava o Partido. Esses problemas foram sendo atenuados por Amílcar Cabral mas o seu assassinato em 1973, despoletou as divergências internas de tal modo que os golpes e contragolpes militares passaram a ser norma no país.

O primeiro golpe de Estado aconteceu a 14 de Novembro de 1980, liderado pelo então Primeiro-Ministro, o Comandante João Bernardo “Nino” Vieira.

Em Julho de 1986, foram detidos militares, entre os quais o ex-Vice-Presidente do Conselho de Estado, Coronel Paulo Correia, e mortos por fuzilamento.

Em Janeiro de 1991, o Presidente Nino Vieira anunciou o início da democratização do país, de modo a permitir o pluralismo político e a instauração das liberdades de expressão, associação, reunião e de imprensa. Daí resultaram vários partidos ou movimentos, tendo 13 deles concorrido às eleições legislativas de 1994

(Sangreman et all, 2006: 13-15). Apesar disso, os conflitos não pararam. Aliás, agudizaram-se.

O conflito que teve contornos de uma guerra civil, começou no dia 7 de Junho de 1998 e opôs no terreno a chamada Junta Militar, chefiada pelo recém-demitido Chefe de Estado-Maior General das Forças Armadas, Brigadeiro Ansumane Mané, que decidira revoltar-se contra o Presidente “Nino” Vieira, apoiado pelas tropas do Senegal e da Guiné-Conacry. Ansumane Mané venceu a guerra contra “Nino” Viera.

Em 2000, as eleições presidenciais foram ganhas por Kumba Yalá. Esta eleição acentuou a crise económica e social, a perda de credibilidade da Guiné-Bissau a nível internacional e o declínio das instituições. Neste contexto, o mandato deste Presidente (2000-2003), foi interrompido por um golpe de Estado. A partir daqui, “o país ficou marcado por uma enorme instabilidade política e social” (Idem: 20).

O golpe de Estado de 14 de Setembro de 2003, liderado pelo General Veríssimo Seabra, obrigou à resignação do Presidente Kumba Yalá.

A 6 de Outubro de 2004, Veríssimo Seabra, Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas (CEMGFA), é assassinado supostamente por um levantamento dos militares que tinham estado na Libéria como força de interposição, aparentemente, por corrupção ligada à questão salarial.

A 1 de Março de 2009, Tagma na Waié, CEMGFA, é assassinado através de um atentado bombista sofisticado que, dizem uns, teria a assinatura dos narcotraficantes estrangeiros. Acontece que Tagma na Waié previa o seu assassínio e apontava o seu futuro autor, pelo menos moral. Tinha deixado uma mensagem aos seus camaradas de armas: "Se ele me matar de manhã, matem-no à noite". A 2 de Março de 2009, cumpria-se rigorosamente as ordens de ex-CEMGFA, com o assassínio de Nino Vieira, de forma bárbara, numa mistura de tiros e catanadas.

A 5 de Junho de 2009 são assassinados Baciro Dabó, candidato às presidenciais e Helder Proença (ex-Ministro da Defesa de Nino Vieira), apontado como "Pedra basilar de todo o fenómeno do narcotráfico na Guiné-Bissau".

Bacai Sanhá é eleito Presidente da República a 28 de Junho de 2009 vencendo Kumba Yalá numa 2ª volta. A 1 de Abril de 2010, uma tentativa de golpe de estado conduzida pelo vice-CEMGFA, Gen. António Injai e pelo Alm. Bubo na Tchuto, detém o PM Carlos Gomes, Jr. com ameaça de morte, caso houvesse reacção popular de apoio bem como o seu CEMGFA, Alm. Zamora Induta.

Voltando ao blogue *Ditadura do Consenso*, Aly Silva indica também algumas pistas que, no seu entender, podem explicar os problemas que têm impedido o desenvolvimento social do país. Pelo menos dão uma ideia das clivagens que dificultam o entendimento entre os diversos grupos que disputam o poder, “Registe-se que esta onda de violência que vem desde o início da luta armada, não pode ser atribuída a este ou aquele actor político-militar em especial, mas a uma cultura de violência interiorizada e que se manifestou na luta pelo poder”²⁵.

A enumeração destes conflitos entre militares, a que se junta a ausência de instituições confiáveis num Estado que não garante as condições mínimas de vida condigna às populações economicamente mais desfavorecidas, fazem perceber que a Guiné-Bissau é um país onde é muito difícil viver. Tal facto, como explica Fernando Luís Machado em *Da Guiné-Bissau a Portugal: Luso-guineenses e imigrantes* (1998), levou a um aumento da migração provocada por “factores de repulsão económicos e sociais”.

Segundo dados do SEF, o número de residentes guineenses em Portugal tem vindo a aumentar desde 1981, quando estavam recenseados 1126 indivíduos, enquanto em 1996, já seriam 12548. Estes números que pecam por defeito devido às reconhecidas dificuldades de recenseamento (Machado, 1998: 16), reflectem uma tendência que se prolongou pelo início do século. Em 2009, existiam cerca de 23.000 indivíduos com estatuto legal, embora se admitisse que o número total pudesse “ascender a mais de 50.000 indivíduos” (Santos et al 2012).

No caso dos jovens com jeito para jogar futebol a hipótese de saída para um clube português ou europeu, de renome, além de constituir um sonho alimentado desde criança, consubstancia uma forma de fugir da crise. Esta é a conclusão tirada dos testemunhos dos jovens futebolistas e dos demais agentes entrevistados. Os que conseguem alcançar esse desígnio sentem-se felizes quando a oportunidade surge.

Segundo a *Divergente*, em 2015 existiam 226 africanos (a maioria da Guiné-Bissau), a jogar na Europa, que tinham driblado a lei da FIFA, ao deixarem o seu país com menos de 18 anos ²⁶. O *site* da FPF indicava 166 futebolistas guineenses inscritos nas equipas que em 2015/2016, disputaram os vários campeonatos em Portugal ²⁷.

²⁵ - <http://ditaduradocenso.blogspot.pt/2012/05/as-criises-politico-militares-na-guine.html> (consultado em 20/5/2017)

²⁶ - <http://futebol.divergente.pt/en/>

Se, como indicam vários testemunhos, o mais difícil é sair da Guiné-Bissau, uma vez chegados ao país de acolhimento, a realidade crua começa a erguer obstáculos que os impedem de alcançar o sonho de serem estrelas no universo futebolístico.

Só que, apesar da desilusão, a realidade social e política na sua terra permanece instável e por isso, quase todos eles preferem ficar e trabalhar em qualquer outra actividade, se não puder ser no futebol.

Guiné-Bissau, país adiado?

Numa breve apreciação política à situação da Guiné-Bissau, pode dizer-se que os dirigentes do país não têm conseguido, até agora, concretizar as esperanças de todo um povo em ter uma Guiné independente, capaz de cumprir os desígnios de Amílcar Cabral e dos seus companheiros de luta. As necessidades básicas das populações, como por exemplo o fornecimento de água e luz, educação e saúde, não são garantidas. Qualquer problema de saúde mais grave requer evacuação do paciente para o estrangeiro, principalmente para Portugal. Quanto a empregos, em vez de serem criados são suprimidos, ou então é reduzido o estatuto socioeconómico dos trabalhadores do Estado, o principal empregador.

É este o contexto que enquadra a análise sociológica da migração para Portugal dos guineenses, no período pós-independência, efectuado por Fernando Machado (1998). No seu estudo, procura os factores desse movimento migratório e, desde logo, assinala uma diferença entre os guineenses (imigrantes) e os luso-guineenses, não só nas facilidades em contornar as burocracias para arranjar passaporte ou visto em Bissau, como depois no apoio recebido dos familiares e amigos já residentes em Portugal. Machado baseia-se em inquéritos efectuados em 1995 entre estes residentes e uma das conclusões é que o factor determinante na escolha do país de destino é, para mais de 90% dos inquiridos, a rede social de apoio que lhes facilita a integração. Outro factor decisivo é a língua portuguesa e outras afinidades culturais. Quanto à proveniência dos migrantes, 80% vêm da região de Bissau, sendo que 47%, vieram com o objectivo de trabalhar e melhorar as suas condições de vida, enquanto 27% vieram para estudar.

²⁷ - <http://www.fpf.pt/pt-pt/Competicoes/Jogadores>

Machado aponta dois momentos significativos no movimento migratório: o primeiro no período da pós-independência e até ao início dos anos 90, com a partida dos luso-guineenses, na sua maioria da classe média; o segundo integrava maioritariamente guineenses migrantes, trabalhadores indiferenciados, que vieram a partir de 1985. O autor alerta para a dificuldade em classificar ou fazer distinções entre os migrantes, dada a “dinâmica geral entre a teoria e a pesquisa empírica na sociologia das migrações” tender a provocar erros de análise. Esta precaução apenas sugere a complexidade dos processos migratórios. Mas há um facto incontestável: os migrantes constituem uma minoria, um grupo de privilegiados, porque conseguem os meios necessários (financeiros e logísticos) para sair do país, ao contrário da maioria da população carenciada de recursos básicos e incapaz de equacionar sequer a hipótese de emigrar (Machado, 1998).

No século XXI a tendência migratória para Portugal tem vindo a aumentar e em 2007 “apresentava um valor de 23733 imigrantes o que representava 5,9% do total de estrangeiros”. Esta comunidade que veio para Portugal por motivos económicos, adquiriu expressão no início dos anos 80 e tem vindo a reforçar-se lenta mas continuamente, principalmente, a partir de 1998, devido à convulsão política (Costa, 2009: 122).

Quanto à prática desportiva, sabe-se que em 1954, Amílcar Cabral, ainda antes da fundação do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), tentou criar uma associação, “Clube Desportivo e Recreativo de Bissau”, mas as autoridades coloniais não autorizaram. Não há forma de saber se, nessa altura, Cabral e os camaradas que com ele partilhavam a ideologia viam a prática do futebol e a convivência gerada à sua volta como um factor importante da tomada de consciência dos ideais nacionalistas e independentistas ou se apenas pretendiam criar uma colectividade com uma biblioteca, para aumentar o nível cultural dos guineenses (Duarte Silva, 2006:24).

Após a morte de Amílcar Cabral, em 20 de Janeiro de 1973, os que lhe sucederam na liderança do partido aprovaram em 24 de Setembro de 1973, na Madina do Boé, a primeira constituição da Guiné-Bissau. E nela não existia qualquer referência à actividade desportiva. Ou seja, depois da independência, o desporto guineense foi um tema subalternizado. Paulo Mendes, na sua tese de mestrado, tem uma explicação para essa opção: “Após a Independência Nacional, começou a gerar-se nos Dirigentes (políticos) a preocupação de se desenvolver o desporto, permitindo a sua prática a todos

os cidadãos (a tão falada massificação), notando-se aqui a influência dos Países do Leste”. Contudo, as inúmeras carências existentes no País, não permitiram que o Governo pusesse em prática os objectivos traçados, voltando o seu interesse para as áreas como a educação, a saúde, a agricultura, etc., áreas consideradas vitais para o bem-estar das populações e para a afirmação do País como Nação Independente. (Mendes, 2000:48)

Por opção, ou devido às circunstâncias desfavoráveis, o desporto nunca foi uma prioridade da política guineense, com as consequências nefastas no desenvolvimento da sua juventude. Em 16 de Novembro de 2015, no jornal Público, uma reportagem da autoria de Ana Cristina Pereira, intitulada “Guiné-Bissau: A juventude pode ser uma prisão”, dava conta da falta de perspectivas dos jovens em Bissau e descrevia o seu quotidiano: dezenas deles, que ficam sentados em “bancadas” à sombra das árvores, à volta de Bissau, esperando por melhores dias. Esta atitude é objecto de várias leituras. Da parte dos jovens, uns ainda estudam mas a maioria não estuda nem trabalha e culpam os mais velhos pela situação sem saída em que se encontram. Por outro lado há dedos apontados que os acusam de não quererem trabalhar...

O sociólogo Miguel de Barros entende esta inactividade como uma forma de protesto, *“Aqueles jovens não conseguem entrar no mercado de trabalho, o Estado já não pode contratar, a indústria não existe, os serviços rareiam, as organizações não-governamentais empregam um número reduzido. Quanto aos jovens, escolhem o espaço mais vistoso da sua zona para mostrar a sua precariedade, projectar a sua condição de desesperançados, de vulneráveis.” E há grupos organizados para vários fins: Há “bancadas” de assalto, “bancadas” de vigilância de bairro, “bancadas” que fazem rap, “bancadas” que se transformam em centros de debate antes e depois de cada acto eleitoral”*²⁸.

Os jovens que têm algum jeito para o futebol, não devem estar nestas bancadas, presumo. A agência individual impele-os à luta, a ir para o Estádio Lino Correia jogar à bola, na esperança de que algum olheiro repare neles. Ficar sentado à sombra, à espera que chegue o futuro, não será solução. A esperar, esperam nas bancadas do Estádio.

²⁸ - <https://www.publico.pt/2015/11/16/mundo/noticia/guinebissau-a-juventude-pode-ser-uma-prisao-1714501>(consultado em 15/5/2017)

As carências organizativas na administração e gestão desportivas, a falta de recursos humanos e materiais, não criaram as condições mínimas propiciadoras do surgimento de desportistas e muito menos ao desenvolvimento das suas capacidades. Apesar dos discursos ideológicos que proclamavam a esperança numa juventude sadia como elemento necessário à edificação e reedificação do país (após os sucessivos golpes militares que paralisaram qualquer ajuda internacional ao desenvolvimento), as promessas foram adiadas e o desporto, nomeadamente o futebol, tem permanecido em letárgica dependência do Estado, sem criar condições minimamente apelativas à permanência dos talentos.

A falência funcional das instituições políticas guineenses foi outro dos factores que empurraram os futebolistas para fora do país. Alguns nomes dos que foram saindo e alcançaram notoriedade diversa em Portugal e na Europa: Ednilson, Bi, Cícero, Sufrim Lopes, Bocundji Ca, Braíma Injai, Yannick Djaló, Néilson Gamae, Éder, Bruma, Amido Baldé, Abel Camará, Pelé, Carlos Mané, Danilo Pereira, Francisco Júnior, Edgar Ié, entre outros.

Além da situação política e social na Guiné-Bissau, outras causas explicam a migração de jogadores para Portugal. Diogo Manteigas denuncia as deficiências na organização do futebol na Guiné-Bissau, num artigo publicado no jornal Sol: *Há um historial muito grande de desvios de fundos na federação da Guiné.*

Recebem dinheiro da FIFA e não o aplicam no futebol. Com a qualidade de jogadores que existe na Guiné, se esse dinheiro fosse bem aplicado, a selecção seria uma das potências de África”.

Esta ideia é complementada no mesmo artigo por Ailton Pereira:

“Se aplicassem bem o dinheiro, os clubes eram melhores, o jogador guineense tinha mais condições no seu país e não precisava de vir para aqui aceitar situações de grande precariedade que são propostas por alguns clubes”²⁹.

Os clubes e os empresários que intermedeiam os convites para os jovens irem a Portugal prestar provas são agentes importantes neste processo. Ailton Pereira, na entrevista que me concedeu, explica alguns mecanismos da migração,

²⁹ - 26 - <https://sol.sapo.pt/artigo/127767/-fifa-e-responsavel-pelo-que-se-passa-na-guine- no dia 24/3/2015> (consultado em 15/2/2017)

“antes de eu vir para Portugal o recrutamento de talentos era feito por convite de clube para clube, por via da filiação clubística dos clubes guineenses com os clubes portugueses – eu, por exemplo, comecei na escola do Sporting de Bissau – e não havia essa prática de levar assim jogadores para a Europa.

Depois da guerra, em 1998, as pessoas perceberam que havia muitos talentos na Guiné e começaram a chegar empresários. Na Guiné passou a haver também mais acesso à informação, ao que se passava na Europa e começaram a criar-se academias, aliás, como já acontecia nos Camarões e no Gana.

Porque isso podia ser um bom negócio e houve pessoas que começaram a pensar que podiam viver do futebol, trataram de arranjar contactos na Europa. E houve indivíduos já residentes em Portugal, guineenses com dupla nacionalidade, que voltaram à Guiné para criar academias, em parcerias com clubes portugueses interessados em ter jogadores com características diferentes daqueles que tinham cá. Enviavam convites aos jogadores, tratavam do visto na Embaixada e vinham. E vieram em massa... muitos deles sem qualidade e sem qualquer hipótese de serem profissionais de futebol. E isto foi mau... porque visava apenas o negócio. Negócio para clubes, empresários e negócio para as famílias que viam na carreira dos filhos uma esperança de receber ajuda por essa via”.

Este depoimento de Ailton Pereira dá uma ideia muito real da estrutura do campo futebolístico em Portugal, das suas ramificações à Guiné-Bissau e do modo de funcionamento do processo migratório. Em resumo: as más condições de vida e as escassas perspectivas de carreira na Guiné-Bissau, os convites dos clubes portugueses associados à pressão causada pelas oportunidades de negócio antevistas pelos empresários guineenses, criaram as condições propícias à migração desordenada de jogadores. Desordenada e descontrolada, porque em Portugal, até 2015, a F.P.F (Federação Portuguesa de Futebol) aceitava inscrever futebolistas vindos da Guiné mas também dos outros PALOP, com visto caducado, por exemplo.

A este vasto campo de manobra dado aos empresários e ao laxismo das autoridades desportivas, apontado por Ailton Pereira, acresce outro factor decisivo nesta migração: as famílias dos jogadores. A importância das famílias é referida unanimemente por todos os entrevistados e pela literatura. Com efeito, perante as más condições de vida existentes na Guiné-Bissau, qualquer família apoia a ideia de migração de um dos seus que tenha talento e possa ganhar dinheiro no estrangeiro, tal como é referido por Ailton Pereira,

“Sim, para as famílias o facto de um filho seu vir para a Europa jogar futebol é sinal de esperança e melhor futuro para todos e por isso entregam os miúdos aos empresários. E além disso, incentivam a sua vinda porque acham que ter um filho, um neto, um sobrinho na Europa é melhor do que ficar na Guiné”³⁰.

Esta ascensão social promovida pela mobilidade “à boleia do futebol” é um sonho para todos; para alguns, muito poucos, uma realidade; para outros, um meio de alcançar uma vida melhor, nem que não seja no futebol. Porque na Guiné-Bissau, desde cedo as crianças aprendem à sua custa que a vida é dura. A luta pela subsistência e a necessidade de ajudar a família são inscritos no *habitus* desde logo. Na entrevista, o jornalista António Pereira descreve assim o quotidiano das crianças do seu país:

(...) na faixa etária dos 11 aos 16, em Bissau os miúdos passam a manhã a jogar à bola. Depois deitam-se nas bancadas do estádio e descansam.

E não vão a casa?

Fazer o quê? Não posso generalizar mas muitos não têm nada para comer... ficam à espera que chegue a tarde e jogam à bola sem parar...

Então, ficam no estádio e comem o quê?

Já estão habituados... comem o que calha! Quem vem de uma classe desfavorecida na Guiné, a viver numa casa sem água potável, sem luz eléctrica, sem comida, resta-lhe sonhar com o futebol.

Estas crianças, na sua grande maioria, pertencem a famílias que lutam diariamente pela sobrevivência. Esse facto acarreta dificuldades inenarráveis que geram *habitus* de determinação e maturidade precoces, características necessárias para conseguirem sair da Guiné – o passo mais difícil – e depois adaptarem-se às dificuldades de ordem laboral e social no país de acolhimento.

Amido Baldé, futebolista guineense, na entrevista que deu quando chegou a Portugal em 2008, confirmou a situação descrita por António Monteiro,

³⁰ - Da entrevista efectuada a Ailton Pereira

“O futebol de formação lá... não é como aqui. Na Guiné cada um sacrifica-se muito para ser jogador... nós na Guiné jogamos pela camisola, porque não há dinheiro, não há nada... temos aquele amor ao futebol. Desde pequeno tu tens que sair da tua casa sem tomar o pequeno-almoço... ir treinar às onze, às vezes até à uma, ao sol... e depois vais para casa sem comer nada e sem saber se vais almoçar ou não.”

Perante este quadro dramático agravado pelos sucessivos conflitos iminentes entre militares e a ausência de um Estado que os proteja, a insegurança permanente explica a vontade de sair à procura de paz e de futuro.

Rosa Cabecinhas e Nesilita Nhaga em *Memórias coloniais e diálogos pós-coloniais: Guiné-Bissau e Portugal* (2008), apresentam o resultado de um inquérito realizado entre jovens na Guiné-Bissau, para saber que acontecimentos políticos marcaram mais o país. 86,2% dos inquiridos apontaram o conflito militar de 1998 em primeiro lugar, e isso transmite-nos uma ideia do drama que é viver num permanente estado de inquietude que leva ao desejo de abandonar o país, legal ou ilegalmente. Também por essa razão a comunidade guineense em Portugal é bastante mais vasta do que a indicada oficialmente pelas autoridades portuguesas. Numa notícia veiculada pela *Lusa*, em 2 Março de 2016, a secretária de Estado da Cooperação Internacional e das Comunidades da Guiné-Bissau, Suzi Barbosa, falando o assunto, referiu os números de legais e ilegais como um “incógnita”. No entanto, adiantou que os dados estatísticos das autoridades portuguesas apontam para 17.800 guineenses, mas, “Cremos, porém, que esse número está bastante acima dos 40 mil e, se formos guiados pelos dados da nossa embaixada (em Lisboa), poderemos estar a falar até de 70 mil”³¹.

O porquê das migrações

Apesar de as notícias indicarem nos últimos anos números significativos na migração de futebolistas, a sua percentagem em termos populacionais é reduzida, acompanhando aliás os números da migração no seu todo.

³¹ - - <http://www.tsf.pt/sociedade/interior/bissau-propoe-a-lisboa-legalizacao-extraordinaria-de-guineenses-ilegais-5056242.html> (consultado em 8/6/2017)

Segundo Stephen Castles (2010), apesar de o século XXI ser considerado, por via da globalização, “uma época de fluidez e abertura” propiciadora da mobilidade, tornando o cruzamento de fronteiras uma coisa normal, na realidade apenas 3% da população mundial o faz e vive fora do seu país de origem. Castles sinaliza a categorização estabelecida para os trabalhadores especializados, necessários ao desenvolvimento dos países desenvolvidos, a cuja migração se chama mobilidade profissional, enquanto os outros trabalhadores sem qualificação, são considerados como migração indesejável.

Transportando esta categorização para o campo específico do futebol, podem fazer-se analogias e considerar os talentos africanos pretendidos pelos clubes europeus como trabalhadores especializados, enquanto os que chegam em massa, para prestar provas e sem referências positivas, são equiparados aos trabalhadores sem qualificação e próximos de uma migração indesejável ou, no mínimo, descartável.

Segundo Castles é difícil estabelecer uma única teoria da migração devido “à complexidade e à diversidade das experiências migratórias”, e cita Sarah Collinson (2003) “que sugere a necessidade de uma abordagem político-económica sobre migrações que conecte a análise de factores em nível local que influenciam as decisões migratórias e as estratégias de subsistência com factores políticos, económicos e sociais em diferentes níveis que afectam o protagonismo (*agency*) do migrante” (Castles, 2010: 25).

Quer isto dizer que, mesmo reconhecendo a importância dos factores *push and pull* que conduzem à migração, não é possível estabelecer uma teoria universal com aplicabilidade a todos os movimentos migratórios. No caso em estudo, os meus entrevistados apontaram claramente as razões, explicadas resumidamente pelo difícil contexto político e social na Guiné-Bissau e pelo desejo alimentado nos jovens guineenses pelos meios de comunicação social de alcançarem o Eldorado mundo do futebol.

Bebiano Gomes apontou alguns factores:

“Penso que os motivos são os mesmos do meu tempo. Agora mais, devido às reportagens televisivas que mostram a grande vida dos jogadores e alimentam essa ambição de vir para a Europa. Num país pobre como a Guiné onde a principal brincadeira das crianças e dos jovens é o futebol, acredito que essa ambição natural de

ter uma vida igual à dos grandes craques, com grandes fortunas, explica essa vontade de migrarem para Portugal.

Do ponto de vista dos jogadores, que diferenças encontra entre o seu tempo, há 37 anos, e o de agora?

A principal tem a ver com a formação de base. A educação que nós tivemos foi baseada no respeito ao próximo, sermos ambiciosos mas não ultrapassar ninguém. Aprendermos com os erros... e penso que neste momento a maioria dos jovens que chegam da Guiné não vêm preparados psicologicamente. A ideia que eu tenho é que fazem um ou dois jogos num clube grande, Benfica, Sporting, Porto e já se acham grandes craques, enchem o peito, já são os maiores, já não precisam de ninguém. Nem querem aprender com as pessoas mais experientes. Penso que esse é o maior erro e a grande diferença.

E também a quantidade...

Ah, sim, claro... no ano em que vim, acho que fui só eu. No ano a seguir, vieram o Samuel e o Zé Fernandes, creio. Agora, todos querem vir e têm legitimidade para isso, mas depois se não ficam nos clubes, também não querem regressar, porque não querem assumir o falhanço, a derrota. E nessa altura o problema passa a ser do agente que os trouxe, porque ele não tem possibilidade de os obrigar a regressar à Guiné... eles não querem e alguns ficam aí em grandes dificuldades mas é sua opção não regressar”.

Bebiano Gomes assinala uma clivagem entre os migrantes do seu tempo e muitos dos actuais que, diz, ostentam desmesurada ambição, falta de respeito pelos outros e alguma dose de arrogância. E conclui que essa diferença principal é causada pela formação de base de uns e outros.

Raffaele Poli (2006) explica a importância do “factor televisão”, referido por Bebiano Gomes como montra de uma vida sonhada pelos jovens futebolistas. Mas não é só essa a diferença entre o tempo de Bebiano e o de agora. O processo, o modo, a pressão, os agentes, as circunstâncias, o contexto, tudo é diferente.

A escolha de Portugal como país de destino é consensual. Sendo, reconhecidamente, factores importantes as razões culturais, a língua comum e a existência de redes sociais e familiares que facilitam a vinda e amortecem o impacto da integração. Mas estes factores não esgotam todos os casos, porque a agência individual leva à existência de excepções, seguramente.

António Pereira, respondendo à pergunta sobre a problemática desta migração, afirmou:

“Esse âmbito não difere muito da realidade da migração de outros sectores da população. O objectivo é o mesmo: encontrar melhores condições de vida, fugir à miséria e tratar do futuro. É claro que no caso do futebol, o foco mediático é outro e pode proporcionar o enriquecimento rápido que os outros trabalhadores não conseguem. Nós sabemos que a fase da luta de libertação dos nossos países foi interessantíssima, justa, não está em causa. Mas também sabemos que depois da independência foi e está a ser difícil. Acho que é unânime reconhecer que não é aquilo com que todos sonhamos: sermos donos e senhores do nosso destino, termos melhores condições de vida... Não aconteceu nada disso. Infelizmente”.

Esta opinião de um guineense, profundo conhecedor dos contextos na origem e no destino desta migração, dos agentes envolvidos e das razões que os movem, confirma as razões da agência dos futebolistas e sintetiza bem as diferenças para os outros migrantes laborais. Quanto à questão dos menores de idade e das preocupações morais suscitadas, António Pereira aborda a questão dos menores:

“A questão dos menores é assim... o Amílcar Cabral dizia que a África não pode ser vista com os olhos da Europa... eu percebo essa visão de que os miúdos menores que vêm para aqui são explorados... agora o que é pior é que se ficam lá, atingem a maioridade e não servem para nada... nem para eles nem para a família. Há aqui questões morais complexas... Um menor que tenha jeito para o futebol, e se não se fizer nada para trazê-lo, se calhar é quase tão censurável como trazê-lo, explorá-lo e depois abandoná-lo...”

Está a dizer que há uma perspectiva eurocêntrica que molda a visão...

Na realidade há famílias guineenses que pedem encarecidamente aos empresários, poem-se de joelhos se for preciso, para trazerem os filhos”.

Dos autores que abordaram o tema, Raffaele Poli (2006), Matthew Taylor (2006) e Benjamin Bowman (2011), a quem se junta António Pereira, consideram que o fluxo de jogadores africanos para os campeonatos europeus deve ser integrado, para efeitos de estudo, nas teorias gerais da migração económica. Mas manifestam-se pessimistas e preocupados com a exploração dos futebolistas pela indústria da migração, tanto na origem como no destino. No entanto, os jogadores, embora conheçam ou suspeitem da possibilidade de serem explorados, não hesitam. A expectativa de terem a vida com que sonharam como profissionais de futebol supera todos os medos e avisos. E nessa decisão são apoiados e empurrados pela família que, alimenta tanta ou mais expectativa na carreira do seu jovem jogador, no estrangeiro, no Benfica, ou no Sporting...

HISTÓRIAS DE VIDA

Amido Baldé

Começou a sua carreira no Sporting Clube de Bissau. Em 2008 veio para Lisboa para a equipa de Juniores do Sporting. Tal como acontece à esmagadora maioria dos juniores dos clubes grandes, o funil de acesso aos escalões profissionais do Sporting Club de Portugal foi demasiado estreito para o deixar passar. Foi cedido, a título de empréstimo, ao St^a Clara dos Açores (2^a Divisão). Depois começou o circuito habitual dos que não alcançam o patamar ambicionado onde estão os melhores, os que se destacam de forma a merecerem alta cotação no mercado. Sim porque este é um campo onde os futebolistas são mercadoria nas mãos de dirigentes, empresários, comissionistas e outros agentes que negociam o valor a atribuir a cada um deles. Baldé andou pelo CD Badajoz (3^a Divisão espanhola) e no ano seguinte, passou para o Cercle Brugge, da Bélgica. Em 2012, foi para o Vitória de Guimarães. Em 2013, rumou ao Celtic de Glasgow. Em 2014/15, começou na Bélgica, no Beveren e em Janeiro foi para o Hapoel de Tel Aviv. Depois disso, já passou pelo Metz, em França, pelo Benfica de Luanda, pelo Marítimo e pelo Tondela ³².

³² - 29 – Em <http://www.zerozero.pt/jogador.php?id=75286>

Em 2008, quando chegou a Portugal, deu uma entrevista, entretanto transcrita do *Youtube*, onde dá conta dos motivos, das ambições pessoais e do elevado sentimento familiar, sobretudo da forte ligação à mãe:

P – Foi para ti uma surpresa vires para a Europa?

R – *Sim... uma grande surpresa. Tinham prometido trazer-me mas isso não acontecia e quando cá cheguei... nem queria acreditar!*

P – Portanto, não foi difícil convencer-te a vir...

R – *Não, eu queria mesmo vir... e a minha família também!*

P – O que é que te disseram quando te convidaram mesmo...

R – *Vais para a Europa, para Portugal, vamos chegar lá e tu vais treinar no Sporting... e é assim, se eles gostam, ficas a jogar lá. O Catió (refere-se ao empresário guineense Catió Baldé) também me ajudou muito. Encorajou, disse que eu tinha futuro e que se eu ficasse no Sporting, os problemas meus e da minha família... não é que iam ficar todos resolvidos mas disse que íamos passar a viver melhor e que a minha vida ia mudar! E eu disse, então se é assim eu vou trabalhar... porque a minha família é pobre e eu vou tirá-la daquela situação.*

P – Quando vieste para Portugal, vieram mais jogadores?

R – *Sim, três.*

P – Como é que foi a chegada aqui?

R – *Nem imagina! Chegar aqui, ir logo para a escola... os meus colegas... fiquei assustado, um pouco. Estava acostumado a uma outra realidade...mas sempre acreditei que me ia encaixar*

P – Estão a vir para Portugal muitos guineenses para jogar futebol. Antes eram seniores mas agora vêm iniciados e juniores, como tu. O que é que achas disso?

R – *Acho que é positivo. Nós na Guiné dizemos que vir para Portugal é uma sorte! Porque há muitos jogadores com talento, lá. Chegares aqui e estares na formação do Sporting ou do Benfica... é uma sorte... graças a Deus... para ti e a tua família... é uma sorte*³³.

Na entrevista a Amido Baldé, para além do exemplo de paternalismo evidente na “naturalidade” com que o entrevistador o trata por tu, destacam-se os elogios a Catió Baldé, a vontade de ajudar a família e a “sorte” de vir para Portugal.

A percepção de uma realidade diferente da sua em Bissau, em vez de o assustar empolga-o e leva-o a dizer que é uma sorte. Não há saudades que resistam à perspectiva de uma nova vida, graças ao futebol.

Francisco Júnior

“A fuga possível” – Sob este título aparece no *site* da Divergente³⁴, uma publicação multimédia de jornalismo de investigação, a história de sucesso, relativo, de Francisco Júnior, futebolista que chegou a Portugal com 15 anos. Os textos são de Sofia da Palma Rodrigues mas a reportagem efectuada em 2015 inclui entrevistas com agentes, vídeos, dados e ilustrações da autoria de uma equipa multidisciplinar.

Francisco nasceu em Bissau em 1992. E deve ter algum jeito para jogar à bola porque desde os 10 anos que começou a ser assediado por empresários que o queriam trazer para a Europa. No entanto, só a partir dos 14 começaram a chegar convites a sério. Nessa altura, Francisco era um dos muitos meninos que passam o dia no estádio Lino Correia, sem comer, correndo atrás de uma bola feita sonho que os pode levar para uma vida melhor. A sua família de sete pessoas vivia com menos de um euro por dia. A mãe não queria que ele viesse, tão novo, mas o pai não desejava outra coisa porque defendia, “aquilo que um guineense mais deseja é ter um filho na Europa, a ganhar dinheiro para investir na Guiné.”

³³ - Entrevista carregada no You Tube por André Figueiredo em 19/02/2010, em <https://www.youtube.com/watch?v=SbgWNJGe4X4> (consultada em 5/1/2015)

³⁴ - <http://futebol.divergente.pt/afugapossivel/>

O seu primeiro empresário foi o guineense Juca Fernandes, mas foi Catió Baldé o responsável pela sua vinda para Lisboa. Francisco fala dele:

“O Catió aborda as pessoas da mesma forma há anos e continua a fazer sucesso, a sua única preocupação é ganhar dinheiro com os jogadores. Ganham o deles e nunca mais querem saber de nada. Saber que o filho vai para a Europa, já deixa os pais guineenses felizes”, explica Francisco. O seu pai não foi exceção.

Os primeiros tempos foram difíceis, as saudades não o largaram (...) Na Guiné, de manhã quando acordávamos, estávamos logo todos juntos.

Em 2008, Francisco partiu para Lisboa com destino centro de estágio do Benfica. Foi bem recebido, *“havia lá outros guineenses, muitos africanos...”*, recorda.

Aqui cada um adormecia no seu canto. Só Deus sabe aquilo por que passei. Ligava à minha mãe e ela começava logo a chorar. ‘Se não te sentes bem, volta. Volta, volta, por favor’, dizia-me. Sempre fui um menino muito mimado.”

A reportagem revela um pouco a dificuldade em deixar a terra, a família e os amigos. Migrar é uma decisão que, salvo raras exceções, é dolorosa. A escolha entre ficar, com a vida difícil, de sobrevivência, como é a vida da grande maioria das famílias guineenses, ou partir para o estrangeiro à procura de melhor futuro, neste caso parece não ter espaço. A maioria das opiniões vê na migração a única saída. Mesmo Francisco, ao fim de dois, três meses, habituou-se: cama, comida, roupa lavada, treinos e aulas de línguas – Francês, Inglês e Português.

“Ainda comecei a ir à escola no 9º ano, mas com os treinos tive de desistir”. Nunca mais pensou em voltar. O Benfica pagava-lhe 400 euros por mês, enviava 300 para a Guiné.

De Catió Baldé tem queixas. Uma delas é a de nunca ter pago à família a quantia que prometeu. E acrescenta,

“Quando assinei o primeiro contrato, o documento dizia que uma parte do dinheiro deveria ir para os meus pais e para o Benfica de Bissau (o clube onde se formou), mas esse dinheiro nunca chegou, ficou com os empresários. Na altura de

assinar, oferecem roupa e bens materiais, mas depois nunca mais os vê. Passados anos, começas a perceber que foste e és explorado”.

Francisco, ao comentar as várias declarações públicas de Catió Baldé dizendo sentir-se como um “pai para estes miúdos”, garante nunca o ter visto como tal. Agradece-lhe por o ter trazido mas a dívida de gratidão vai para o Benfica, por o ter tirado de África.

Bebiano Gomes, assessor jurídico de Catió Baldé, na entrevista que me concedeu, garante que o empresário, “é como um pai para os jovens que acompanha e chega a ajudar inclusive, as famílias.” E acrescenta, “Dos outros empresários não sei nem a quantidade de jogadores que trazem nem as condições em que os albergam”.

Ailton Pereira alarga a perspectiva na abordagem ao tema,

“as notícias sobre os guineenses são mais frequentes. Criaram má fama para a Guiné-Bissau porque é o País mais frágil nisto tudo... e depois tem um empresário de sucesso, Catió Baldé, que chegou onde chegou com muito trabalho. Teve alguns percalços, enganou-se num ou noutra jogador, mas tem muito mérito também, e só se fala do mal. Do mérito ninguém fala... e é por ser guineense”.

Está a dizer que existe aí racismo?

“Não lhe chamaria racismo, não diria isso. Talvez desprezo, má fama, subalternidade, um tratamento desigual. Ou seja, o guineense para chegar ao mesmo patamar que os outros, tem que trabalhar muito mais. No caso dos jogadores de futebol e nos outros sectores. Racismo existe em toda a parte do mundo, mas não quero pensar que seja a única razão para não se atingir certos objectivos, mas aceito que seja limitador ...”

Francisco Júnior também faz uma referência à segregação negativa quando se trata de africanos,

“Conheço muitos empresários que pegam nos miúdos, recebem o dinheiro, deixam-nos nos clubes e vão-se embora. Não podes pegar no filho dos outros, levá-lo, e nunca mais te preocupares só porque ele é africano. Dizem que vão mudar a nossa vida e depois, quando chegamos à Europa, levam o dinheiro e já não querem saber”.

Na reportagem da *Divergente*, Francisco Júnior aparece retratado pela jornalista como um caso de sucesso. Porém, percebemos pelas palavras do jogador que o dinheiro não compra tudo,

“jogador do Everton, um clube da primeira Liga Inglesa, vive num T2 na marina de Liverpool, conduz um BMW X6, calça ténis da Nike e, em dias de festa, também veste Armani. Há meses em que chega a enviar mais de dez mil euros para a Guiné, no total – entre pai, irmãos, tios, primos e vizinhos – são mais de 20 as pessoas que dependem dele. Entretanto, construiu uma casa para a família em Bissau, comprou um táxi para o pai, paga a escola, comida e casa dos quatro irmãos que estudam no Senegal e envia dinheiro sempre que há uma emergência. Por mês, recebe 30 mil libras (cerca de 40 mil euros), sem contar com patrocínios e prémios de jogo,

“Tento guardar o máximo, hoje estou aqui, mas amanhã não sei”.

A análise do discurso de Francisco Júnior revela algumas diferenças quando comparado com Amido Baldé, por exemplo. Nele sobressai a situação próspera, o sucesso, o sonho alcançado e o não ter medo de afrontar as perversões do sistema. Por outro lado, Francisco não esconde uma certa nostalgia da sua terra, ao recordar os primeiros tempos em Portugal,

“Sentia falta de tudo, até dos banhos de água fria e do quarto sem luz. A sua nova casa estava vazia das conversas no alpendre com os vizinhos, das gargalhadas estridentes, dos mimos da mãe.”

Avaliar o preço das emoções, das gargalhadas partilhadas, dos mimos, da sensação de pertença a um lugar, não é fácil. Mas não deve ser por isso que a percentagem de migrantes (3%) é mínima, apesar do alarido das notícias à sua volta. Neste caso, Francisco Júnior, apesar de reconhecer que vir para a Europa foi o melhor que lhe aconteceu, sente a culpa por estar longe quando a mãe morreu, “*A única coisa que queria era ver a minha mãe a sorrir, a dizer ‘obrigada’.* Mas não consegui. Por isso é que nunca vou ser feliz na vida. Posso ter tudo, mas nunca vou ser feliz na vida.”

O discurso parece ter contradições. Ou talvez sejam apenas reflexões mais intimistas de um menino que aprendeu a ser homem longe da família e da terra, a que se sente muito ligado, de onde se afastou à boleia do futebol. Feliz ou infelizmente, só ele saberá.

Alfa, Omar, Nelson e Pedro

O percurso de vida destes quatro jovens que entrevistei (Omar Cassama, Nelson Landim, Alfa Esteves e Pedro Tavares), enquanto estiveram na Guiné, não é muito diferente dos percursos de Amido Baldé e de Francisco Júnior. Vencida a primeira batalha – sair da Guiné –, aqui chegados, começa outra. Infelizmente para a maioria deles o objectivo de serem profissionais de futebol, bem pagos, nunca será alcançado.

Nos primeiros passos dados em Portugal, todos passaram pela porta do sonho..., isto é, pelo Benfica e Sporting, para prestar provas. Mas a vida não lhes correu bem. Três dos que entrevistei vieram para o Vilafranquense. Só um deles, Alfa Esteves, permaneceu até ao fim da época. Omar e Nelson saíram, com poucos jogos realizados.

Pedro Tavares estava sem clube. Entrevistei-o no complexo desportivo do Atlético Povoense, na Póvoa de Santa Iria, um dia à noite, na presença de Ba Soares, o responsável técnico pelos jogadores guineenses, sem clube, que ali treinam para manterem a forma e à espera de melhores dias.

As histórias da migração de Omar Cassamá, Nelson Landim e Alfa Esteves têm alguns pontos em comum. Nasceram em Bissau, Omar em 1995, Nelson e Alfa em 1997. Foram “descobertos” para o futebol no estádio Lino Correia em Bissau, por empresários diferentes: Omar pelo empresário Vital Sauane, Dono da Academia *Vitalaise*; Nelson, pelo empresário Silas Alcântara Correia Landim, dono da Academia de Futebol (XPTO); Alfa, pelo empresário Adilé Sebastião, da Academia *Fidjus di Bideras*.

Analisando os seus discursos, percebi o extremo cuidado no que diziam, nenhuma declaração desalinhada com a narrativa oficial do campo e em particular, com a dos empresários, “Está tudo bem, somos bem tratados, temos amigos, estamos bem integrados”, ou seja, um discurso sem críticas a ninguém e com muitos elogios aos clubes e aos empresários.

As suas narrativas fazem parte de uma estratégia de defesa incorporada nos seus *habitus*. Percebendo claramente as regras do campo onde estão e sem terem ainda

alcançado um lugar relevante ou minimamente confortável, sentem-se numa posição subalterna e sabem que qualquer palavra “fora da caixa” pode prejudicá-los.

A história de Pedro Tavares é ligeiramente diferente. Nasceu em Mansoa. Os pais vivem em Inglaterra. O seu empresário foi Catió Baldé. Também passou pelo Sporting e Benfica para prestar provas. Não foi aprovado e foi para o Liverpool, na época de 2011/2012. Não fez nenhum jogo. Voltou a Portugal, esteve nos modestos Vidago, no Vila Flor e foi para Chipre, onde não se adaptou. O seu discurso, apesar de cauteloso e cheio de silêncios, é mais aberto. Por exemplo, quando se refere ao empresário Catió Baldé diz,

“Já fomos muito próximos, uma relação de pai e filho... mas agora não. Já não falo com ele há três anos... não o vejo ...”

As regularidades identificadas nos discursos destes jogadores, Amido Baldé, Francisco Júnior, Omar Cassamá, Nelson Landim, Alfa Esteves e Pedro Tavares, isto é, o sonho de serem profissionais de futebol na Europa, o apoio da família na saída e a vontade premente de a ajudar, principalmente a mãe, constituem um padrão neste processo. As dificuldades no percurso são apenas obstáculos a ultrapassar, custe o que custar. Sem dramas...

Outras regularidades comuns a estes jovens que entrevistei, para além do sonho de serem estrelas, são o estranharem a pergunta:

Alguém da vossa família se opôs à vinda para Portugal?

Por manifesta falta de sentido, para eles; por não verem no horizonte próximo o regresso à Guiné. Além disso, percebe-se pelos olhares trocados e pelos silêncios que a sua integração não tem sido fácil. De todos eles, só Nelson respondeu “Não”, à pergunta,

Se soubesse o que sabe hoje, teria saído da sua terra?

Ou seja, apesar de alguma desilusão por perceberem que não vai ser nada fácil cumprir o sonho de serem estrelas de futebol, vão insistir, mudar de clube, lutar, e continuar a lutar... e voltarão à Guiné, um dia, mas só se for na condição de vencedores.

“Vítimas do sistema”

Num extenso artigo publicado pelo jornal *Sol on line* no dia 24/3/2015, intitulado “O Drama dos Jogadores Abandonados”, o lado mais negativo da migração é comentado por vários agentes, entre eles, Diogo Manteigas, Ailton Pereira e Joaquim Evangelista, presidente do SJPF. Nessa reportagem são denunciados casos de jogadores que ficam sem clube e são abandonados pelos seus representantes. E é dito que em Portugal há cada vez mais atletas nesta situação, com paradeiro incerto, sendo apontados, “certos empresários” que trazem jogadores da Guiné sem qualquer despesa, porque as viagens são pagas pelo jogador ou pela família. Joaquim Evangelista afirma que os jogadores

“(…) são vítimas de um esquema de “tráfico humano com fins futebolísticos” perpetrado por “agentes e intermediários” com a conivência de clubes que “servem de ‘barrigas de aluguer’ para as pessoas que trazem esses jogadores”.

É igualmente denunciada a existência de casas onde esses empresários pouco escrupulosos despejam, é o termo, os rapazes que ficam em quartos mínimos onde, *“(…) se entra de frente e sai-se de costas. Nem têm uma cadeira para se sentar.”*

No mesmo artigo, uma fonte anónima denuncia a teia de cumplicidades existente neste campo:

“(…) o problema é a ausência de punição a agentes e clubes que têm estas práticas. Alguns falsos agentes que abandonam jogadores ou que ajudam a falsificar passaportes estão identificados, mas ninguém faz nada. O mesmo se passa com os clubes que albergam jogadores ilegais. A Federação devia multá-los ou mesmo proibi-los de participar nas competições. Nunca o faz. Estamos a falar de um negócio que ‘lava’ as mãos a muita gente. De repente aparece um jogador que vale milhões e fica tudo bem. Os outros não interessam. São tratados como mercadoria estragada”³⁵.

³⁵ - <https://sol.sapo.pt/artigo/127762/o-drama-dos-jogadores-abandonados>

Estas são denúncias graves. No entanto, a necessidade de anonimato para as fazer é, obviamente, sinal de cautela. Sendo os jovens futebolistas as vítimas maiores deste processo, desde a origem ao destino, o cuidado no que se diz é evidente também nos outros agentes, qualquer que seja o lugar que ocupam no campo. E a razão das cautelas é saberem que têm alguma coisa a perder se falarem demais.

O meu entrevistado Hélder Borja, observador atento da migração dos seus jovens compatriotas, residente em Paredes do Douro, caracterizou o processo migratório como,

“(...) uma espécie de escravatura.

Conhece alguns casos?

(Risos) Conheço casos mas não vou dizer nomes... os rapazes são trazidos por empresários e tenho casos aqui bem próximo de mim, conheço situações gritantes... de rapazes que chegam aqui, não conseguem singrar nem de uma forma nem na outra e depois vão para o estrangeiro, Inglaterra, França, Bélgica, Luxemburgo e desaparecem por lá, ninguém sabe deles. Um caso bastante conhecido foi o de dois irmãos gémeos que estavam em Penafiel, ainda com a idade de formação, como juvenis, e passado um mês, desapareceram (...)

Mas essa é, ao que parece, uma situação recorrente...

Pois é, mas o problema é que há indivíduos que estão a fazer tráfico de pessoas...

Uma coisa é trazer os miúdos legalmente, com vistos, para jogar em Portugal.

Agora, quando há indivíduos conhecedores da situação que vão buscar esses miúdos com 14/15 anos para a formação de um clube português e de repente levam-nos para outro lado qualquer e abandonam-no sem sequer dinheiro para comer... é triste.

Eu, como guineense, fico magoado com essas situações e depois têm que ser ajudados. Olhe, Eu ajudei alguns. Porque uma coisa é emigrar, conhecendo os riscos e o que nos espera. Outra é ser trazido ao engano para um país estrangeiro, sem falar a língua, como acontece com muitos deles que só falam crioulo, e ficam abandonados por aí.

Mas não querem voltar à Guiné...

Não, porque o país está num processo de destruição contínua. E não há opção de vida na Guiné. Não há empregos. A não ser no negócio da droga. E os miúdos pagam para sair de lá e virem para a Europa e depois ficam nas mãos desses empresários de caca... desculpe o mau português...

Ailton Pereira, na entrevista, classificou os jovens nesta situação como “Vítimas do sistema”,

“O sistema existe por cima de nós e é verdade que existe tráfico ilegal, existem pessoas neste processo que prometem coisas que depois não podem, não têm condições para cumprir. Só querem ganhar dinheiro. E trazem jogadores que não têm qualidade para singrarem no futebol profissional e depois vêem as suas expectativas frustradas, porque não conseguiram o seu objectivo pessoal, nem podiam ajudar a família... é uma vida desviada que pode ir para caminhos menos agradáveis... e isto é ser vítima do sistema. Posso dar-lhe o exemplo de um miúdo que veio da Guiné para um clube do norte. Não ficou no clube e teria que voltar à Guiné. Não posso precisar se foi o clube ou a família que pagou a viagem. Mas o miúdo tinha o passaporte e sabia que não ia voltar. Fugiu para Lisboa e andou por aí. Alegava, “Não vou voltar, não quero voltar para aquela vida, não quero passar fome... fico aqui a fazer qualquer coisa, mas não vou voltar. É mais fácil aqui, vou ter dificuldades mas vou batalhar!”

“É mais fácil aqui, vou ter dificuldades mas vou batalhar!”

Esta podia ser a divisa, a declaração emblemática do *habitus* destes jovens. Batalhar, batalhar até ao fim, até terem força. Mesmo sendo vítimas do sistema, com tudo o que isso significa de situações indesejáveis, a esperança de alcançar os objectivos de vida que os levaram a deixar a sua terra é mesmo a última coisa que admitem perder. Agrupam-se, conversam, definem estratégias e aplicam em cada situação a tática mais adequada às circunstâncias, quando lidam com os empresários, os clubes, as autoridades, e os estranhos como eu.

No jornal *Record* do dia 21 de Fevereiro de 2015, Luís Aguilar assina uma reportagem onde o fenómeno das migrações desordenadas de futebolistas africanos e brasileiros é abordado sob vários ângulos, incluindo o tráfico humano. O caso dos guineenses tem como subtítulo, “Guineenses com medo do SEF e de agressões, preferem não dar a cara” e começa assim:

“Record chegou a ter uma reportagem agendada com um grupo de jogadores guineenses que foram abandonados em Portugal pelos seus agentes e por alguns clubes para onde vinham jogar. À última da hora, porém, os jogadores desmarcaram tudo por temerem ser expulsos pelo SEF, tendo em conta que alguns estavam ilegais. Também revelaram ter medo de agressões físicas por parte dos agentes que os trouxeram ou de pessoas ligadas a estes. Justificaram a mudança de posição porque dizem preferir estar em silêncio e manterem-se em Portugal, mesmo em situação irregular, do que regressar à Guiné ou sofrerem as consequências de contarem a sua história.”

Outro foco da reportagem incidia sobre os empresários, ou agentes/FIFA. O título era *Agentes compram licenças FIFA na Guiné-Bissau* e dele consta “Fonte oficial da Federação Portuguesa de Futebol (FPF) não se referiu a casos específicos, mas admitiu que já por diversas vezes a FPF solicitou às entidades competentes o apuramento da veracidade dos documentos de identificação de alguns jogadores” sobre os quais recaíam suspeitas. “A resposta que recebemos era a de que os documentos são autênticos mas não é possível determinar a autenticidade do seu conteúdo”, disse.

O advogado Diogo Manteigas na mesma reportagem, lembra que esta facilidade em forjar documentos não se cinge apenas aos jogadores:

“Veja-se a quantidade de agentes FIFA que há na Guiné-Bissau. Há mais empresários portugueses registados lá do que em Portugal. Isto significa que essas pessoas vão para a Guiné, pagam um valor e é-lhes dada a carta de empresário FIFA.” O advogado lembra ainda a precariedade da Guiné como outro factor que contribui para o número crescente de jogadores africanos em Portugal. Situação que é aproveitada pelos empresários:

“Estes miúdos vêm para cá e não têm nada. Se receberem 50 euros, para eles é uma coisa de outro mundo. Os clubes garantem-lhes alojamento e alimentação e é mais do que suficiente.”

Nesta reportagem de Luís Aguilar os jovens futebolistas surgem claramente como vítimas do sistema. Chegam atrás do sonho, embrulhados num rendilhado de interesses que envolvem clubes, empresários pouco escrupulosos que são coniventes nas

ilegalidades, falsificações de documentos... e tudo isto perante o laxismo, no mínimo, das autoridades desportivas e policiais.

Estes factos apontados na reportagem do *Record* consubstanciam parte das regularidades do campo futebolístico, destacando-se a opacidade dos processos e o manto de silêncio que é imposto aos agentes, sobretudo aos futebolistas, elo mais fraco de um sistema gerador de grandes negócios.

No complexo desportivo do clube União Atlético Povoense, na Póvoa de Santa Iria, entrevistei Ba Soares, ex-jogador e actualmente com as funções de acompanhamento técnico e de apoio à integração de jogadores guineenses sem clube.

Porque é que deixou de jogar?

Porque fiquei a acompanhar, a integrar os miúdos. Esse é agora o meu trabalho... não tenho campo de manobra para fazer as duas coisas, jogar e fazer o acompanhamento.

Estes miúdos, como é que chegam aqui a Portugal?

A maioria dos miúdos, os pais estão cá a viver, a trabalhar... e como os pais não têm conhecimento para os levar para clubes como o Benfica ou o Sporting... vêm para aqui para começar... e para chegar lá acima.

O senhor também é empresário?

Não, eu trabalho com eles... quando os jovens chegam a Portugal, aqui ao Povoense não conhecem ninguém e eu ajudo-os a integrarem-se, a ajudá-los na escola, no futebol...

Vejo que tem vestido um blusão do Benfica.... Está ligado ao Benfica?

Não, este blusão foi dado por um miúdo que passou cá, o Zé Gomes... do Benfica, ele viveu comigo aqui e foi ele que mo deu!

Porquê?

O Zé Gomes esteve aqui no Povoense... e agora deu o salto!

Você treinou-o?

Sim, treinei o Zé Gomes...

Conte-me lá essa história...

Ele veio para cá por meu intermédio... e de um amigo meu... e foi a mãe dele que o trouxe para o Póvoa... a mãe dele agora está em Inglaterra...

Quanto tempo é que ele ficou cá?

Ficou um ano e tal... depois foi treinar ao Sporting... que não o quis... depois foi ao Sacavenense e depois para o Benfica.

Posso entrevistar os jogadores?

Só está um... os outros ainda não chegaram.

Esta foi uma experiência no terreno donde saí com muitas dúvidas por esclarecer. Pelo que foi meio dito, pelo que não foi dito, pelos subentendidos, pelas sombras e desvios do olhar, pelas conversas sussurradas, enfim, foi esta a visão com que saí deste campo cheio de interditos e onde estavam os elos mais fracos desta corrente. E penso que neste caso a análise ao discurso seria redundante.

A Integração no país de acolhimento

Viver numa terra estranha, entre gente que não é a nossa, ansioso por concretizar o sonho que tarda a cumprir-se, causa insegurança e desconforto. Mas, cada caso é um caso. De todos os meus entrevistados que vieram sozinhos para Portugal, só um, Bebiano Gomes, declaradamente não teve problemas de integração em Portugal. Sempre teve amigos portugueses, em Bissau, em Lisboa, em Penafiel, em Faro. No seu escritório estão expostos numa parede alguns retratos desses amigos. Conta a forma descomplexada como sempre lidou com as dificuldades na sua carreira e de como se integrou na sociedade portuguesa, terminando por dizer: os principais apoios que tive foram de portugueses, e a minha mulher é portuguesa.

Ailton Pereira e Hélder Borja vieram com a família e isso faz toda a diferença. As dificuldades são menores e tudo é mais fácil com a ajuda da família. Quanto aos mais jovens, de Amido Baldé pouco mais sei. Mesmo o facto de mudar de clube quase todos os anos não indicia dificuldades de integração. Pode tratar-se apenas de insatisfação com a carreira, e mais ambição.

De Francisco Júnior conhecem-se, pelo que disse na entrevista à *Divergente*, as dificuldades em adaptar-se à nova realidade, no início,
“*Sentia falta de tudo, até dos banhos de água fria e do quarto sem luz*”.

A sua integração no “sistema” futebolístico foi complicada, a julgar pelo que disse acerca do processo e dos empresários. Se fez ou não amigos desde que saiu da Guiné, não sabemos.

O padrão apontado por Fernando Machado (1998), acerca das relações sociais dos migrantes guineenses em Portugal, provavelmente é seguido por Francisco Júnior, ou seja, “relacionam-se tendencialmente mais com outros imigrantes”, como forma de se apoiarem na integração.

Omar Cassamá, perante a pergunta:

Foi difícil deixar a família e os amigos? Respondeu:

“*Sim, foi difícil... mas foi normal.*”

Acerca da integração, só deu para fazer duas perguntas:

Como passa os tempos livres, quando não tem treino ou jogo?

Passo com os amigos, ou fico em casa. Ou vou, de vez em quando, ter com a família, tios e primos que tenho na margem sul; ou vou a casa do meu empresário em Lisboa.

Já tem amigos em Vila Franca?

Sim, sim...

Nelson Landim, respondeu igualmente de forma evasiva quando perguntei se já tinha amigos em Vila Franca e respondeu que passava os tempos livres em casa de uma irmã que vivia em Lisboa.

Alfa Esteves, esteve dois anos no Benfica e quando passou a sénior, foi cedido ao Vilafranquense. Perguntei:

E que tal é o ambiente aqui?

É Bom. É porreiro ... e é bom para mim, ajuda-me a crescer.... e a aprender também... as dificuldades dão-nos um alerta na vida, de que nem sempre tudo corre bem... às vezes também é preciso sofrer...

Alfa, como é que foi a integração em Portugal quando veio para o Benfica?

Não foi fácil... é uma realidade completamente diferente, mas fui-me habituando aos poucos...

E aqui em Vila Franca, tem amigos?

Sim, tenho os colegas de equipa.

Tem família em Portugal?

Não, não tenho.

Duas perguntas colectivas:

Algum de vocês se sentiu vítima, por palavras ou actos, de alguém aqui em Portugal?

Os três negam ter sido vítimas de algum acto ou palavra racista e Alfa explica:

uma coisa são as palavras ditas no calor do jogo, e isso acontece mas são desabaços. Mas fora isso, não senti nada disso. Sou tratado com carinho, nunca ninguém me chamou preto.

Última questão: se isto vos correr mal (espero que não) vocês pensam regressar à Guiné?

Alfa: regressar não! Lá não há empregos. Aqui, pelo menos, se não for no futebol podemos fazer outra coisa qualquer, trabalhar, estudar.

Da análise destes discursos, para além das regularidades, comuns a todos eles, já referidas anteriormente, sobressaem as dificuldades de integração, independentemente do estatuto alcançado. O refúgio habitual para os tempos livres é a família e os amigos e conterrâneos na diáspora.

A situação do país não tem ajudado o desenvolvimento desportivo e um dos reflexos desse abandono é a selecção nacional de futebol da Guiné-Bissau. A falta de meios, o caos organizativo e a ausência de condições mínimas para competir, até no continente africano, tem caracterizado as actuações da selecção da Guiné-Bissau. O facto de até 2015, nunca ter conseguido a qualificação para o Campeonato do Mundo nem para a Taça das Nações Africanas, gerou desmotivação e a consequente recusa de alguns jogadores guineenses com dupla nacionalidade em vestir a sua camisola.

Um exemplo da dificuldade em ser jogador desta selecção é a viagem para a Zâmbia para disputar o jogo de apuramento para a Taça das Nações Africanas (CAN

2017), relatado por Joseph Pulitzer, no Blogue *Bissau resiste*, no dia 12 de Junho de 2015. A viagem começou em Lisboa. Na ida para Lusaka fizeram escala em Roma, onde os jogadores tiveram que pagar do seu próprio bolso a estadia no hotel. Aí ficaram 14 horas e seguiram para a Etiópia ³⁶.

Entretanto, no dia 26 de Outubro de 2016, ficou a saber-se por Romão dos Santos, treinador-adjunto do seleccionador nacional Baciro Candé, numa entrevista ao jornal *o Democrata* que a equipa técnica da selecção não tinha recebido ainda nenhum salário, ou seja, estavam há sete meses a trabalhar de borla ³⁷.

Uma semana depois, no dia 1 de Novembro, Catió Baldé foi nomeado director executivo da Federação de Futebol da Guiné-Bissau ³⁸.

Quando perguntei a Ailton Pereira a razão de alguns jogadores guineenses hesitarem em jogar na selecção da Guiné, respondeu que é,

“Por razões de ranking internacional e por outras razões, de organização, os jogadores guineenses que têm dupla nacionalidade preferem jogar na selecção portuguesa. Têm mais visibilidade. Só agora é que a selecção da Guiné foi ao CAN e com isso obteve visibilidade. A parte visível do futebol da Guiné é a selecção. E a selecção não é respeitada.(...) Na Guiné temos que tratar melhor da organização desportiva”.

Esta opção dos jogadores com dupla nacionalidade em representar um ou outro país a nível de selecção é um bom exemplo da autonomia gerada pela agência individual e do pragmatismo incorporado nos seus *habitus*. Mas não é difícil inferir que se a Guiné-Bissau tivesse estruturas desportivas no futebol, a nível da selecção, que garantissem mais visibilidade e respeito aos “*djurtus*” ³⁹, seguramente teriam mais e melhores jogadores dispostos a representar o país onde nasceram e talvez, quem sabe, os Danilos Pereiras e os Éders portugueses tivessem mais dificuldade em escolher que camisola vestir.

³⁶ - <http://bissauresiste.blogspot.pt/2015/06/jogadores-guineense-foram-obrigados.html>

³⁷ - <http://www.odemocratagb.com/equipa-tecnica-dos-djurtus-com-sete-meses-de-salarios-em-atraso/>

³⁸ - <http://24.sapo.pt/desporto/artigos/catio-balde-nomeado-diretor-executivo-da-federacao-de-futebol-da-guine-bissau>

³⁹ - Alcinha dos seleccionados da Guiné-Bissau

CONCLUSÃO

Estudar o caso dos jovens futebolistas guineenses que entre 1998 e 2015, saíram da Guiné-Bissau em grande número com destino a Portugal, com vista a serem profissionais de futebol, foi o objectivo desta dissertação. Procurando identificar as suas motivações para saírem do país fui descobrindo o intrincado modo de funcionamento do processo migratório que os envolve, desde a origem ao destino.

Achei útil a comparação entre este processo e o que envolveu os futebolistas moçambicanos que migraram para Portugal no tempo colonial. Interessava-me perceber se havia grandes diferenças e quais. Concluí que para além dos contextos políticos e sociais, a grande diferença esteve na quantidade: se nesse tempo vieram poucas dezenas, agora vieram às centenas. Por outro lado, o modo como o colonialismo condicionou os comportamentos permitiu um vasto campo de manobra aos sofismas e à hipocrisia nas relações entre os diversos agentes sociais. Actualmente, os sofismas e hipocrisias continuam a existir, mas o facto de ocorrerem em contextos democráticos retira-lhes alguma força. Porque se antes era a dominação política a impor condições, agora é o poder económico a mandar num futebol feito indústria que movimenta muito dinheiro. E a dimensão do poderio económico do futebol actual é enorme, quando comparada ao futebol desse tempo.

No capítulo I enunciei a metodologia aplicada na pesquisa, os objectivos pretendidos e as hipóteses colocadas à partida. Fiz a apresentação dos entrevistados (e dos não entrevistados), jogadores, ex-jogadores, jornalistas e outros agentes do campo futebolístico português, entretanto citados nos meios de comunicação social.

Dei conta das dificuldades inesperadas com que me deparei para obter testemunhos.

Pierre Bourdieu foi a grande influência teórica. A sua teoria da prática e os conceitos de *habitus* e de agência guiaram a minha perspectiva de análise ao contexto relacional entre os vários agentes que interagem neste campo futebolístico.

A sua teoria dos campos serviu-me para mapear o espaço e enquadrar as normas vigentes, bem como avaliar melhor os diversos interesses presentes com que tive de lidar.

Se à partida defendia a teoria de que o futebol actual, enquanto indústria organizada, teria características diferentes e suficientes para constituir um campo autónomo em relação ao campo desportivo de Bourdieu, agora, percorrido este caminho e percebendo melhor alguns mecanismos do seu modo de funcionamento, parece-me mais evidente essa possibilidade.

Através da investigação qualitativa em entrevistas semidirectas-gravadas, bem como através da análise de discurso, da pesquisa bibliográfica, da revisão da literatura e da observação participante assistemática, pretendi saber, por um lado, se a agência individual era a principal razão da migração dos futebolistas; por outro, queria saber se pelo facto de serem negros, estes jovens foram minorizados e desconsiderados pelos vários agentes desportivos e, em caso afirmativo, se esse tratamento configurava uma visão racista.

As duas hipóteses colocadas à partida confirmaram-se. A questão de saber se era a agência individual que os levava à migração foi comprovada pela revisão da literatura e pelos testemunhos. Todos os jogadores e ex-jogadores, jornalistas e outros agentes por mim entrevistados, confirmaram que é essa vontade inabalável de sair da sua terra, por lá não terem qualquer possibilidade de cumprir o sonho de serem estrelas de futebol, que os empurra. Apesar das dificuldades previstas e imprevistas no complexo processo migratório, todos eles demonstraram determinação mais que suficiente para não haver dúvidas acerca desta questão.

Saber se havia racismo no futebol português foi de conclusão mais difícil porque perante a questão as pessoas encolheram-se, ficaram na defensiva e negaram a existência de racismo, por princípio. Porém, através de uma análise mais fina, efectuada no capítulo I, constatou-se a presença de atitudes racistas, subtis, manifestadas na forma paternalista, carinhosa... ou até com a desculpa de serem “próprias de um jogo de futebol”, o que demonstra uma certa naturalização do racismo. Involuntário. Actualmente, salvo raras excepções de cariz ideológico, ninguém aceita ser racista.

A revisão da literatura do tempo colonial foi efectuada no Capítulo II, onde a análise ao futebol em Moçambique demonstrou a forma como as autoridades e a sociedade colonial moçambicana estabeleceram a separação entre colonos e colonizados, no fundo entre brancos e negros, organizando competições distintas, sem misturas: o campeonato da “baixa” e o dos subúrbios. E também a forma como a segregação imposta foi vencida, de certa maneira, pelo talento dos jogadores negros, o que obrigou à revisão das teses racistas, então vigentes na sociedade portuguesa.

A vinda dos jogadores moçambicanos para Portugal acabou por ultrapassar as expectativas dos que duvidavam das suas capacidades. Alguns deles ocuparam papel relevante no futebol português, chegando a ser idolatrados.

O capítulo III centrou-se na Guiné-Bissau, o campo de análise onde decorreu grande parte da acção, por ser o país de origem da maioria dos jovens futebolistas migrantes. A revisão da literatura permitiu caracterizar a actual situação do país, procurando na sua história, desde o início da luta armada, as razões para os sucessivos conflitos político-militares que o têm mergulhado num estado caótico, que fazem da Guiné-Bissau um país adiado onde viver é uma aventura, diária. Se os guineenses olham para o seu país e percebem que o Estado e as instituições são débeis, raramente confiáveis e que vivem num ambiente onde a instabilidade política e social é constante, então, percebe-se a razão de quererem sair de lá.

No caso dos futebolistas concluí que o interesse pessoal e familiar foi o factor principal que os levou à acção. Não há alertas de possível exploração abusiva do seu talento por parte dos outros que se sobreponham ao desejo de partir. Claro que existem esses outros que aproveitam, usam e exploram os jogadores. Claro que existem clubes e empresários pouco escrupulosos que controlam esta migração e fazem dela um negócio que, por vezes, assume contornos de tráfico humano. Mas concluí também que, na sua maioria, os futebolistas migrantes não se sentem vítimas de ninguém e preferem correr riscos de carreira incerta no estrangeiro a ficarem reféns das precárias condições de vida no seu país. Por vezes são vítimas das circunstâncias mas isso acontece em todas as relações sociais e em todo o lado.

Como parece claro no que foi dito pelos jogadores Hilário, Amido Baldé e Francisco Júnior, o futebol foi a sua salvação. Outros, como Ailton Pereira, Bebiano Gomes e Hélder Borja, aproveitaram a vinda para Portugal para jogar e construir uma boa vida, pós-futebol. Outros ainda, os recém chegados Omar Cassamá, Alfa Esteves, Nelson Landim e Pedro Tavares, saíram da Guiné cheios de sonhos, como centenas de outros jovens guineenses, mas a realidade tem atrasado a promessa, sugerida e desejada, de serem estrelas de futebol.

A questão da inserção dos jogadores no país de acolhimento foi abordada nos capítulos I, II e III, nos contextos colonial e pós-colonial. Uma conclusão parece óbvia: o processo de integração social dos jogadores está objectivamente ligado ao talento individual demonstrado. Tanto actualmente como no tempo colonial, a vida dos mais talentosos é sempre mais fácil. Neste campo futebolístico o talento vale hoje muito mais

dinheiro do que há 60 anos. Ainda assim, nesse tempo, o talento alavancou decisivamente a ascensão social e económica dos melhores, elevando-os na hierarquia dos valores simbólicos com peso e reconhecimento entre os diversos agentes. Depois, adquirido o estatuto, a afirmação da sua identidade afastou-os do estigma racista que os segregava com base na diferença fenotípica ou cultural supostamente inferior.

Quanto à questão última de saber o que pode ser feito para minorar os riscos para os jovens envolvidos neste processo, Ailton Pereira – que os considera as grandes “vítimas do sistema” – respondeu,

“Eu estou envolvido num projecto com uma escola de futebol da Guiné que pretende trazer miúdos, a partir dos 18 anos, com bolsas de estudo para estudarem e jogar futebol. Através de protocolos com câmaras municipais que os acolham, a ideia é os miúdos tirarem cursos socioprofissionais e jogarem futebol. Acho que este seria um caminho.”

Por último, resta perceber até que ponto as medidas tomadas pelas autoridades na sequência dos acontecimentos que foram notícia em 2014/2015 e que despertaram o meu interesse em estudar o caso, condicionaram a acção dos diversos agentes deste processo, que efeitos tiveram na antropologia do campo futebolístico e se, entretanto, foram abertas janelas que permitam o arejamento e a diminuição das suas zonas mais sombrias.

BIBLIOGRAFIA

- Adepoju, Aderanti, 2008, *Migration in sub-Saharan Africa*, Current Africa Issues 37, Upsala, Nordiska Afrikainstitutet.
- Alegi, P, 2010, *African Soccerescapes: How a Continent change a World Game*, Ohio University Press.
- Alexandre, Valentim, 1993, *Ideologia, economia e política: a questão colonial na implantação do Estado Novo*, in *Análise Social*, vol. xxviii (4.º-5.o) 1117-1136
- Allport, Gordon, Leo Postman, 1953, *Psicologia del Rumor*, Editorial Psique, Buenos Aires
- Bastos, Cristiana, 1998, *Análise Social*, volumeXXXIII(146-147) , 415-432, in <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1221843547R6tAC5cn3Af48ME5.pdf>, (consultado em 1/6/2017)
- Bogdan, R., Biklen, S., 1994, *Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos*, Porto, Porto Editora, p. 147-202
- Bourdieu Pierre, 1989, *O poder simbólico*, Lisboa, Difel
- Bourdieu, P. 1996, *Razões práticas: sobre a teoria da acção*, Campinas, S.P., Papiros
- Bourdieu, P. 2003 (1984), *Questões de Sociologia*, Lisboa, Fim de Século.
- Bourdieu, P. 2004 (1990), *Coisas ditas*, tradução Cássia Silveira e Denise Pegorim, São Paulo, Editora Brasiliense.
- Bowman, B, 2011, *Is international football migration simply another type of labour migration? The politics of migration through the lens of international football migration from Africa to Europe*, http://people.bath.ac.uk/bd203/docs/Bowman2011_internationalfootballmigration.pdf, (consultado em 20/4/2017)
- Bruijn,M.E.de; Dijk,R.A.van; Foeken,D.W.J., 2001, *Mobile Africa: Changing Patterns of Movement in Africa and beyond*, Brill, Leiden, Boston
- Cayola, Lourenço, 1912, *Sciência de Colonização*, Lisboa, Typographia da Cooperativa Militar
- Castelo, Cláudia, Data, *A mensagem luso-tropical do colonialismo português tardio: o papel da propaganda e da censura*, LASICS, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), Universidade do Minho, http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/about, (consultado em 7/1/2017)
- Castles, Stephen, 2010, *Entendendo a Migração Global: Uma perspectiva desde a transformação social*, REMHU - Rev. Inter. Mob. Hum., Brasília, Ano XVIII, Nº 35, p. 11-43, em <http://www.redalyc.org/pdf/4070/407042012002.pdf>, (consultado em 20/10/2016)

- Cleveland, T, 2013, *Following the ball: African soccer players, labor strategies and emigration across the Portuguese colonial empire, 1949-1975*, Cadernos de Estudos Africanos, 26, Centro de Estudos Internacionais do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), 16-40
- Cornelissen, S e Solberg, E, 2007, *Sport Mobility and Circuits of Power: The Dynamics of Football Migration in Africa and the 2010 World Cup*, Politikon, 34(3), 295–314
- Darby, Paul, 2006, *Migração para Portugal de jogadores de futebol africanos: recurso colonial e neocolonial*, Análise Social, vol. XLI (179), 417-433
- Darby, Paul, 2007, *Football Academies and the Migration of African Football Labor to Europe*, Journal of Sport & Social Issues, Volume 31 Number 2, 143-158
- Darby, P, 2013, *Moving players, traversing perspectives: Global value chains, production networks and Ghanaian football labour migration*, University of Ulster, United Kingdom, Geoforum 50, 43–53
- Domingos, Nuno, 2006a, *Futebol e colonialismo, dominação e apropriação: sobre o caso moçambicano*, Análise Social, vol. XLI (179), 397-416
- Domingos, N, 2006b, *O futebol Português em Moçambique como memória social*, Cadernos de Estudos Africanos 9/10, 113-127
- Domingos, N, 2012, *Futebol e Colonialismo*, Lisboa, ICS.
- Domingos, N, 2013, *Dos Subúrbios da Lourenço Marques Colonial aos Campos de Futebol da Metrópole, uma Entrevista com Hilário Rosário da Conceição*, Cadernos de Estudos Africanos 26, 225-245
- Ferreira, José e Da Veiga, Vasco, 1957, *Estatuto dos Indígenas Portugueses das Províncias da Guiné, Angola e Moçambique*, <https://governodosoutros.files.wordpress.com-annotado-pdf>, (consultado a 8/5/2015)
- Henriques, Joana, 2016, *Racismo em Português: O lado esquecido do colonialismo*, Ed. Tinta da China, Lisboa
- Lanfranchi, P and Taylor, M, 2001, *Moving with the Ball, The Migration of Professional Footballers*, New York, Berg
- Lemos Martins, M., Oliveira, M., Bandeira, M., 2011, O “Mundo Português” da Exposição de 1940 em Postais ilustrados, CECS, Univ. do Minho, <https://www.google.pt/search?q=Lemos+Martins%2C+M.%2C+Oliveira%2C+M.%2C+Bandeira%2C+M.%2C+O+“Mundo+Português”+da+Exposição+de+1940+em+Postais+ilustrados&rlz> =, (consultado em 13/5/2017)
- Machado, Fernando, 1998, *Da Guiné-Bissau a Portugal: Luso-guineenses e imigrantes*, Sociologia – Problemas e práticas, Nº 26, pp.9-56
- Machado, F, 2000, *Os Novos nomes do Racismo: Especificações ou Inflação Conceptual?*, Sociologia, Problemas e Práticas, n.º 33, pp. 9-44

Mbembe, Achille, 2001, *As Formas Africanas de Auto-Inscrição*, Estudos Afro-Asiáticos, pp. 171-209, em <http://www.scielo.br/pdf/eaa/v23n1/a07v23n1.pdf>, (consultado em 8/5/2015)

Mendes, Paulo, 2001, *O Desporto na República da Guiné Bissau: Análise evolutiva da Legislação e do nível de prática desportiva (1974-1999)*, Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau de Mestre em Ciências do Desporto na especialidade de Treino de Alto Rendimento, Universidade do Porto, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, <https://www.google.pt/search?q=O+Desporto+na+Rep%C3%BAblica+da+Guin%C3%A9+Bissau>, (consultado em 5/3/2017)

Mignolo, Walter, 2011, *The Darker Side Of Western Modernity*, Duke University Press, Durham & London

Pereira, Rui, 2006, *Uma visão colonial do racismo*, Cadernos de Estudos Africanos, [https://www.google.pt/search?q=Pereira%2C+Rui%2C+2006%2C+Uma+vis%C3%A3o+colonial+do+racismo+\(consultado+em+15+Janeiro+2015\)](https://www.google.pt/search?q=Pereira%2C+Rui%2C+2006%2C+Uma+vis%C3%A3o+colonial+do+racismo+(consultado+em+15+Janeiro+2015))

Poli, Raffaele, 2006, *Migrations and trade of African football players: historic, geographical and cultural aspects*, in *AfrikaSpectrum* 41, 3, pp. 393-414, em <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0168-ssoar-104440>, (consultado em 11/11/2016)

Quivy, Raymond e Campenhoudt, Luc Van, 2008, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, in <http://www.fep.up.pt/docentes/joao/material/manualinvestig.pdf>, (consultado a 10/6/2015)

Richardson, Robert, 1985. *Pesquisa social: métodos e técnicas*, São Paulo: Atlas.

Santos, José, Maria Mendes, Conceição Rego, 2012, *Contributos dos Imigrantes Guineenses em Portugal para a dinâmica populacional*, in *A Imigração Africana em Portugal nos Últimos Vinte Anos: Oportunidades e Ameaças no Mercado de Trabalho*, http://www.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP0881_ed.pdf (consultado em 5/4/2017)

Sangreman, Carlos, Fernando Sousa Jr, Guilherme Zeverino, Miguel Barros, 2006, *A evolução política recente na Guiné-Bissau: -As eleições presidenciais de 2005 -Os conflitos -O desenvolvimento - A sociedade civil*, CESA, Lisboa, https://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/files/Doc_trabalho/70.pdf consultado em 20/5/2017

Taylor, Mattew, 2006, *Global Players? Football, Migration and Globalization*, c. 1930-2000 *Historical Social Research*, Vol. 31, No. 1 (115), *Football History: International Perspectives*, pp. 7-30, GESIS - Leibniz-Institute for the Social Sciences, Center for Historical Social

Thiry-Cherques, H. 2006, *Pierre Bourdieu: a Teoria na Prática*, Rio de Janeiro, RAP, em <http://www.scielo.br/pdf/rap/v40n1/v40n1a03.pdf>, (consultado em 29/3/2017)

Torgal, Luís, 2009, *Estados novos, estado novo: ensaios de história política e cultural* vol. I, Imprensa da Universidade de Coimbra, <https://books.google.pt/books?id=qyy5CwAAQBAJ&pg=PT371&lpg=PT371&dq=portugal+d+o+minho+a+timor+discursos+de+salazar&source>, (consultado em 1/6/2017)

Trajano Filho, Wilson, 2003, *Pequenos mas Honrados: um jeito português de ser na metrópole e nas colónias*, Brasília, 1-25, <http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie339empdf.pdf>, (consultado em 5/1/2017)

Vala, J., Brito, Rodrigo, Lopes, Diniz 2015, *Expressões dos racismos em Portugal*, 2ª edição online. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais

Van Dijk, Teun, 1993, *Elite Discourse and Racism*, *Sage Series on Race and Ethnic Relations*, volume 6, Sage Publications, London.

Wiewiorka, M, 1998, *Le racisme, une introduction*, Paris, La Découverte

Outras fontes

Aguilar, Luís, 2015, in <http://sol.pt/noticia/127767>, (consultado em 8/5/2015)

Amâncio, Lígia, 24/01/2017, Opinião, em jornal Público

Oliveira, Daniel, 2014, “Todos Macacos” Jornal Record, dia 2 de Maio de 2014, <http://www.record.pt/opiniao/detalhe/todos-macacos-880846.html>, (consultado em 17/5/2016)

Portal da História, 2000-2008 Cronologia da Guerra do Ultramar – de 1961 a 1974 -, 1961 em <http://www.arqnet.pt/portal/portugal/guerrafrica/cron1961.html>, (consultado em 8/5/2015)

ANEXOS

Entrevistas semidirectas – Guião

Aos futebolistas:

Quando veio para Portugal?

Veio por vontade própria?

Quem organizou a sua vinda? Algum amigo, conhecido ou familiar?

Teve o acordo da sua família?

Teve dificuldades em sair da Guiné-Bissau?

Como foi a chegada a Portugal? Estava alguém à sua espera no aeroporto em Lisboa?

Como têm corrido as coisas?

Está satisfeito?

Valeu a pena deixar a sua terra, a família e os amigos?

(Pergunta sobre discriminação, paternalismo ou racismo)

Aos empresários ou agentes desportivos:

Como se processa a vinda de jovens futebolistas para Portugal?

Quem organiza e paga as viagens?

Quais são as condições que lhes oferecem, ou garantem?

Alguns são menores. As famílias são consultadas?

Qual a percentagem de êxito daqueles a quem patrocinou a vinda?

Como se resolvem os casos em que os jovens, por qualquer razão, fracassam na carreira?

A maior parte desses casos devem-se a quê? Inadaptação ao futebol competitivo, à diferença do modo de vida, a equívocos?

Como interpreta as acusações feitas aos empresários?

O que, em sua opinião, podia ser feito para melhorar a situação?

(Pergunta sobre discriminação, paternalismo e racismo)

Aos advogados e aos jornalistas:

Que problemas maiores se colocam na migração ilegal de jovens futebolistas africanos e em particular, no caso dos guineenses?

Quem são os principais responsáveis pelos problemas?

Existe regulação suficiente para minorar os aspectos negativos desta migração?

Que tipo de responsabilidades atribui às entidades oficiais que regulamentam o futebol?

Que conflitos de interesses são mais frequentes e entre quem?

O que poderia ser feito para melhorar a situação?

(Pergunta sobre discriminação, paternalismo e racismo)